

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

VERSOS

DE

CELSO DA CUNHA MAGALHÃES.

BIBLIOTECA PÚBLICA
ESTADO DO MARANHÃO

Typ. B. DE MATOS, Imp. por M. F. Pires, rua da Paz, 5 e 7

VERSOS

ORMA
269.91

MA 880
VER

DE

BIBLIOTHECA PUBLICA
do

GELSO DA CUNHA MAGALHÃES



NATURAL DO MARANHÃO.

1867—1870.

FUNC — MA.
Biblioteca Pública
"Benedito Leite"

S. LUIZ DO MARANHÃO.

1870.

OS CALHAMBÓLAS

POEMETO
BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO
A SEUS PAES

E Á EXM.^a SR.^a

D. MARIA CECILIA DUARTE MAGALHÃES

Offerece.

O AUCTOR.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

OS CALHAMBÓLAS.

Bem se deixa ver que a escravidão nunca pôde ser legitima, nem ter mais fundamento que a força; que a força não é um direito, e que a força que repele a escravidão é tão legitima, como era injusta aquella que a tinha imposto.

D. JOSÉ URCULE'.

LE MOINE.

.....
J'ai vu que c'était vous! Vous sur qui votre peau
Du deuil de la nature étendit le drapeau;
Vous, insectes humains, vermine au feu promise,
Contre qui la colère aux plus doux est permise,
Que le plus vil des blancs peut encore mépriser,
Que le fou peut railler, que l'enfant peut briser,
Qu'un revendeur, de chair vend, colporte et transplante
Comme un fumier vivant qui féconde une plante;
Sans pères, sans enfants, nomades en tout lieu,
Hors la loi de tout peuple et hors la loi de Dieu;
À qui, pour conserver plus de préeminence,
Le blanc comme un forfait défend l'intelligence,
De peur que vous lisiez au livre du Sauveur
Que les blancs ont un juge, et les noirs un vengeur.

A. LAMARTINE.

(Toussaint Louverture.)

I

Metteu-se-me em cabeça, é uma mania,
escrever um poema, é hei-de escrevel-o;

não pensem que o negocio é de folia,
 eu, si o disse que o faço, hei-de fazêl-o.
 O que pode depois acontecer
 é o poema por si nada valer.

Inda não tenho assumpto, mas qu'importa?
 n'esta terra de tanta inspiração
 hei de encontrar a chave d'essa porta,
 á qual chamais vós outros—invenção,
 e com ella abrirei o meu poema
 achando o grande x d'este problema.

Quiz á principio criticar um pouco
 dos erros d'esta velha humanidade,
 porem temi taxarem-me de louco
 e desisti do intento; na verdade
 si tal fizesse soffreria muito
 por querer me metter em tal assumpto.

Alem d'isso não era cousa nova
 fazer o que outros muitos já teem feito,
 e eu desejo, antes de descer á cóva,
 escrever qualquer cousa cujo effeito
 passe ainda alem do desejavel, quero
 ultrapassar Camões, Ovidio e Homero.

Não sei já onde li, nem 'stou lembrado
 do nome do escriptor que sustentou
 ser o homem o mortal mais desgraçado
 quando dá ares de um Victor Hugo.
 Eu sigo este principio, porem mudo
 em parte o seu brilhante conteúdo.

Acho que o homem quando imita bem
 (imitação de longe e mui remota)
 já tem merecimento, oh lá se tem!
 pode até se chamar homem de nota.
Post scriptum: Camões, (isto em segredo)
 foi puro imitador, diz o Macedo.

Hajam vista alem d'isso o *Paraíso*
Perdido do qual Milton foi o auctor;
 o *Eloá* de Vigny, esse sorriso
 das sete irmãs de Appollo, esse primor
 na verdade é de grande perfeição
 mas... não deixa de ser imitação.

(Notem bem, eu não fico responsável
 por isto que avancei tão imprudente,
 e assim, oh! leitôr, é indispensavel
 que eu te diga: «não sou o maldizente
 de Milton, de Vigny; o que avancei
 não é meu, digo logo, eu imitei.»)

Como ia dizendo, Alphonse Karr,
 (já lembrei-me do nome do escriptor
 que tive occasião de atraz citar)
 procurava com ancia, com ardor
 um estylo original; não sei porem
 si na pesquisa elle sahiu-se bem.

Pois eu, leitora, não desejo tanto,
 não tenho essas tão altas pretensões,
 (almejo só causar algum espanto
 no mundo litterario, as intenções

BIBLIOTHECA PUBLICA
 do
 ESTADO DO MARANHÃO

que eu tenho são sublimes, mas não sei
si ao fim, ao qual aspiro, chegarei.

O meu programma é este—procurar
um auctor ao qual tenha sympathia,
fazer o que outros fazem, hei de imitar
o rhythmico, a cadencia, a melodia
do verso, mas de longe, por exemplo:
si elle disser—igreja—, eu direi—templo.

Quanto ao assumpto é novo, e verdadeiro
foi o caso que eu vou aqui narrar.

Quizera ter o éstro sobranceiro
para pôr em relêvo, p'ra pintar
o soffrimento, a dor, a cruel tortura
do escravo desgraçado a magoa dura.

Sabe o leitor a ideia salutar
que me leva a escrever este poema,
(ou como melhor nome queiram dar
a estes versos tão chôchos);—o meu thema
da epigraphie se pode deduzir;
e quem quizer agóra é proseguir

na leitura. Previno á muita gente,
que tiver os ouvidos susceptiveis
a qualquer choque, que acho mais prudente
não seguir a leitura, pois terriveis
são as scenas que vam se descrever.
Já preveni, e leia quem quizer.

A scena é no meio das mattas
entre as arvores vetustas,
qu'erguem suas ramas robustas
querendo tocar no céu;
ao rebramir das cascatas
que, em lenções de branca espuma,
se despenham do rochedo;
ao fraco sôpro do vento
que os ares brando perfuma,
trazendo um vago segredo
n'um doce e languê lamento.

Como é bella uma floresta
na força da virgindadê!
que prazer n'ella se goza,
que doce tranquillidade!
quanto perfume mimoso
não derrama a flor agreste,
que matizada reveste
a verde-negra ramagem
d'esses cedros seculares?
A natureza é selvagem,
mas não conhece os pezares,
nem sente o travo do fel.

Vêde ali que scena digna
do magestoso pincel
do sublime Salvador!
Si tendes algum temor
de na matta penetrar,
podeis voltar, cousa alguma
vos obriga a n'ella entrar.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

N'uma clareira do bosque
 cem homens juntos estão,
 todos negros, bem retintos,
 todos calhambólas são.
 Junto a um páo-d'arco elevado
 o chefe negro é sentado;
 os outros mudos esperam,
 e o bando todo é calado.

Do chefe é alta a estatura,
 membros fortes e robustos,
 negra mas nobre figura,
 na fronte traços augustos.
 Nos seus olhos estampada
 vê-se a raiva concentrada.

Eil-o, agora se levanta,
 encára o bando infeliz;
 vai fallar aos companheiros;
 ouçamos o que elle diz.

—«Eis-nos, irmãos, reunidos.
 Perguntareis com razão
 por que motivo marquei-vos
 n'este bosque a reunião,
 que podíamos fazer
 no tejupaba onde á noite
 nós fazemos o serão?
 Perguntareis inda mais
 p'ra que tanta precaução?
 Vou dizer-vos,—o motivo
 que hoje nos faz ajuntar

traz a nossa segurança,
 traz o nosso bem estar.
 Sabeis bem, nosso mocambo
 'stá n'um lugar escondido,
 mas julgo que hoje é dos brancos
 o seu lugar conhecido.
 Depois... ha tantas mulheres
 que podiam divulgar
 o segredo que cuidadoso
 venho hoje vos revelar.»
 Parou, soltou um rugido
 semelhante ao do jaguar;
 assoviou por tres vezes
 e attento pôz-se á esperar.

D'entre a densa ramaria
 de um angazeiro frondoso,
 que tremeu como si o vento
 por elle passasse brando,
 como um suspiro amoroso,
 desprendeu-se por encanto
 um corpo sem forma, escuro,
 como cái da sapucaia
 o fructo qu'está maduro.
 Era um negro. Levantou-se,
 para o chefe encaminhou-se
 e lhe disse:—«nada.»—«Nada?»
 disse o chefe com cuidado,
 quem sabe? bem pode ser
 que te tenhas enganado.»—
 —«Eu? disse o negro sorrindo,
 não me conheces então;

tenho a vista mais certa
 que a do negro gavião;
 vendo ao longe o movimento
 das folhas, posso dizer
 si elle é feito pelo vento,
 ou por um homem qualquer.
 Nada vi, nada devemos
 portanto agora temer.»—

Por entre os troncos escuros,
 deslizando-se ligeira,
 passou correndo uma sombra
 e chegou 'té á clareira.
 Era um calhambóla joven,
 olhar firme, penetrante,
 pelle negra e luzidia,
 dentes alvos e brilhantes;
 chegou até junto ao chefe
 e murmurou tambem:—«nada;
 nenhum rumor inimigo,
 toda a matta é socegada.
 Tu sabes, nunca me engano,
 do mais ligeiro ruido
 qu'eu ouvir conheço a causa;
 da onça negra o bramido,
 da járára o assovio,
 o guiso da cascavel,
 tudo é de mim conhecido.»—
 —«Tu, Antonio Corta-matto,
 volta á vigia; Manoel,
 volta tambem ao teu posto.
 Todo o cuidado é preciso,

e si houver algum perigo
dêem o signal do—inimigo.»—

Calou-se o chefe, um sorriso
rugou-lhe os labios de leve,

.....
Era negra aquella pelle
mas tinha um peito de neve!

Nascido escravo, coitado,
soffrêra sempre calado
o azorrague do sênhor;
mas um dia a tyrannia
foi mais crua, n'agonia
foi mais terrivel a dor!

E o cordeiro paciente
levantou-se de repente
mudado em lobo voraz;
tornou-se o langue balido
em retumbante rugido,
fez-se de timido, audaz.

Era de mais a tortura,
o seu quinhão de amargura
bebeu elle de uma vez;
depois da taça esgotada
sua honra estava vingada.

.....
Jazia um corpo a seus pés!

Quereis ouvir sua historia?

Ah! que tristonha memória
 traz ella envolvida em si!
 Elle, o rei d'aquelle povo,
 encara o bando de novo...
 Ouvil-o-hemos d'aqui.

—«Ouvi-me, meus irmãos, meus socios na desgraça,
 Xouvi todos attentos á minha tosca voz;
 Xmancebos vigorosos, a vós principalmente
 eu faço meu appello, eu me dirijo a vós.

XChamei-vos, vós viestes; dizer-vos quero agora
 a válida missão que eu ponho em vossas mãos.
 Eu quero a liberdade, o dom celeste e santo,
 que foi negado a nós; ouvistes, meus irmãos?

Ah! n'este mundo tudo é livre, independente,
 e nós todos valentes, retintos porem bravos,
 Xdevemos ouvir mudos o hymno magestoso
 que todo o mundo entôa? devemos ser escravos?

Oh! não, mil vezes—não! julgais que somos livres
 por termos já fugido ao mando do senhor?
 Mas esta liberdade é pouca, é quasi nada;
 eu quero-a mais perfeita, eu quero-a inda maior.

Que serve o ser-se livre em meio das florestas,
 Xfugindo a cada p'rigo, tremendo de temor?
 a caça tambem treme ouvindo os cães ladrar,
 e nós somos a caça, o branco—o caçador!

Sabeis o que hei soffrido? Oh! não! a minha historia

contar-vos quero agora. Silencio, ouvi-me pois; x
 é toda uma tortura da qual eu fui o martyr, x
 o mundo o cadafalso, o branco—men algoz.

Castro Alves

Nasci n'esta terra ingente
 do imperio de Santa Cruz,
 onde se vive de aromas
 onde se vive de luz!

Ah! que maior ella fôra
 si raiasse em sua aurora
 uma centelha mais viva,
 que, scintillante brilhando,
 do jugo cruel, nefando
 livrasse a raça captiva!

Na cidade de... bem longe...
 vivi emquanto creança;
 d'esse tempo não me resta
 nem saudade, nem lembrança.

Si o senhor-moço chorava
 o pobre preto apanhava
 para fazel-o calar;
 si um gemido suffocado
 me rompia o peito anciado,
 tornava logo a apanhar.

Sempre o castigo mais duro
 era obrigado a soffrer,
 no entanto eu—pobre!—julgava
 que era aquelle o meu dever!
 Cresci, sem nunca queixar-me,
 queria ás vezes matar-me,

porem eu pensava então,
que respeitar eu devia
o corpo que pertencia
somente ao branco, á mim não!

Um dia ouvi um mancebo
fallar, e o moço era branco,
porem que nobreza d'alma,
e que character tão franco!
fallou-me da liberdade!
Eu estava n'essa idade
em que a mente é vigorosa.
Plantada a pingue semente,
brotou logo de repente
robusta, forte e viçosa.

Achava tanta doçura
ouvindo as palavras d'elle!
Que pensamentos sublimes!
meu Deus, que moço era aquelle!
com elle aprendi a ler,
depois tambem a escrever,
e tudo elle me ensinou!
O que a elle devo não posso
dizer-vos. . . . aquelle moço
depois de Deus me salvou.

Senti que a vida do escravo
era uma lenta agonia!
vi que o peso era terrivel,
e eu com elle não podia.
Fugi levando commigo

um filho que eu muito amava,
era péqueno, e por isso
muita vez o carregava,
quando elle accaso cançava.

Andei muito; estas florestas
me davam todo o sustento—
Era pouco, mesmo assim
menor era o soffrimento.
Um dia vi-me outra vez
entre as mãos do meu algoz;
açoutaram-me e a meu filho.
Sabeis o que fiz depois?
No outro dia um corpo frio
jazia junto a meus pés!
(Mais alto do que a razão
fallára a voz da paixão).
Á nado passei o rio
junto ao qual era a fazenda.
Eu sonhára uma vingança,
uma vingança tremenda.

Fiquei comvosco, o meu plano
vos digo agora qual é:
—procurar a liberdade,—
muita esp'rança e muita fé!

Pois que? a brisa fresca que sussurra
entre as palmeiras verdes da floresta,
é livre em percorrer o mundo inteiro
entoando seu cantico de festa?

A onça que na matta vaga errante
 é livre, não conhece a escravidão,
 a cobra, o mar, a folha, a planta, os astros,
 os animaes são livres, e nós não?

Eia pois, o pendão da liberdade
 se levante entre nós bem sobranceiro;
 tomemos tudo aquillo que nos roubam;
 seja rapido o golpe, mas certo.

De nada receeis, o Deus Supremo
 protege a nossa causa com bondade,
 pois que ella é sacrosanta, e elle justo;
 meus irmãos, liberdade! liberdade! . . . »

Cessára de fallar; n'aquella face adusta
 × brilhava o fogo santo de um genio não vulgar;
 × a falla era o intérprete fiel do pensamento,
 e o espelho de su'alma—o seu limpido olhar.

Pois que? vós duvidaes? um negro com tal genio
 somente em fantasia se póde conceber!

× Pois era assim. O chefe na fêrvida cabeça
 de ideias nobres tinha um mar a refterver.

× Creado nas florestas, por entre as galas fulgidas
 das arvores gigantes do sólo americano,
 crescêra como ellas aquella aguia atrevida,
 profunda, vasta, immensa, sublime como o Oceano.

A frase era fluente, desconhecendo as regras
 da arte de fallar, o dom era dos céos.

Linguagem sem adornos, sem mimos de rhetorica,
e simples, natural: a Deus chamava—Deus.—

Sabendo tão somente fazer a distincção
de tudo que é do bem, d'aquillo que é do mal,
sua vida era um modelo methodico e correcto,
—e sem jamais ter lido um livro de moral.

Quereis ouvil-o? de novo
elle agora vai fallar.
D'aqui mesmo podeis vel-o
e ao mesmo tempo o escutar.

—«Eu quero vingança, mas quero-a completa,
não sangue, nem prantos, nem mortes, nem ais,
vingança de nobre—olhar os algozes
curvados dizerem: valeis muito mais!

«Pois que? tendes poder p'ra torturar-nos
«e não quereis fazel-o?
«é nobre a bofetada de mão nobre,
«nem precisa dizel-o.

«É tremenda a lição, bem dado o golpe,
«sabeis mui bem ferir!
«sentimos o pudôr em nossas faces
«vos vendo assim subir.»

Ouvistes? É assim qu'eu quero vel-os
rebaixados por mim,

reconhecerem a nossa primasia;
ouvistes? é assim.

E que venham dizer que o escravo, o negro
não se sabe vingar,
Bem cedo vel-o-hão, si vos quizerdes,
meus irmãos, me ajudar.»

—«Queremos, nós queremos,» — toda inteira
a multidão bradou.

—«Então ouvi-me:» e foi o chefe negro
ainda quem fallou.

—«Sabeis, o branco sempre desejava
de haver de nós, os negros, sua riqueza,
faz commosco um commercio de usurario
e ajuda, sem pensar, a nossa empresa.

Por isso temos armas, polv'ra, chumbo,
e em troco d'isto damos algodão.
É bem caro o commercio, mas que importa?
si do que carecemos, temos. Não?

Estaes todos armados, recebestes,
(inda não fazem bem duas semanas,)
espingardas, pistolas, facas, chuços,
e tendes isto tudo nas cabanas.

D'hoje á tres dias, n'esta mesma matta,
todos vireis aqui commigo ter,
e depois partiremos reunidos,
e... será o que Deus emlim quizer.

Nossos irmãos esperam na *Batalha*
o signal, e por lá nós passaremos;
e a elles reunidos, de passagem,
os de *Santa Severa*—buscaremos.

É depois hei de dizer-vos
o que havemos de fazer.
Coração a larga! Vamos,
meus irmãos. Até mais ver.»—

Partiu o chefe, depressa
o bando mudo ficou,
rarefez-se pouco e pouco
e suas cabanas buscou.
Quereis entrar n'uma d'ellas?
Não. Então podeis ficar.
Hei de comtudo sósinho
n'uma d'ellas penetrar.
Sabeis qual é? Á direita,
—logo ao passar a cancella,
se eleva a casa de palha,
pequena sim, mas singela,
onde se passa esta scena.
Passando a porta pequena
vê-se uma sala acieiada;
dois bancos, uma banquinha,
o chão de terra socada.—
Sobre um dos bancos, fiando,
vê-se uma velha; de neve
vão-lhe os cabellos ficando;

acompanha o gyro breve
do fuço alegre cantando.
Gyra a porta sobre os gonzos,
entra apoz um negro; o vento
achando a porta entr'aberta
ergue a pasta d'algodão.

—«Cuidado com a porta, Bento,
nã quero o fio embrulhado.

Aonde está teu irmão?»—

—«Deixei-o agora trepado
no angazeiro, vigia
pela nossa segurança;
voltará no fim do dia.»—

—«Então que vigia é essa
que acabaste de dizer?
devemos alguma cousa
por nossa vida temer?»—

—«Não, porem d'hoje á tres dias
vamos todos combater
em busca da liberdade.

Mãe, não sabes que anciedade
eu sinto aqui n'este peito
quando eu digo esta palavra!
Que incendio ardente me lavra
pelo corpo, si me lembro
e vejo que, com effeito,
os meus sonhos tão doirados
vão, de uma hora para outra,
ser sonhos realizados!

Eu te digo bem baixinho,
—nã digas ao chefe nã,
elle tem outras ideias,

tem mais nobre coração.
 Sabes? não quero somente
 ser livre; por teu amor
 eu te juro, oh mãe amada,
 quero também ser senhor!»—
 —«Cala-te, filho, que cousas
 são essas feias e más?
 um homem amante dos outros
 não diz isso e menos faz.
 Livrar-nos, sim, é direito,
 o mais não, o mais é crime.
 Ficas accaso contente
 si o branco chega e te opprime?»—
 —«Não, mas isso é outro caso,
 eu soffri, quero vingar-me,
 é bom qu'elles saibam as dores,
 com que vinham torturar-me!»—
 —«Não digas essa palavra,
 meu filho, é feia, não digas...
 Vingança!—o demo te tenta,
 meu filho, mais não prosigas.
 Podes vingar-te, o perdão
 é a vingança mais nobre.»—
 —«Basta, mãe, á tua vontade
 a minha paixão se dobre.
 Porem, te digo, não sei
 si na hora do combate
 poderei vencer o embate
 do peito; procurarei...

Vou agora abrir meu peito,
 —perdão si o faço tão tarde,—

o meu coração que arde
 co'a chamma viva do amor.
 Ai, que sinto a dor aguda
 da despedida, que dor!
 que lacerante agonia
 ha de ter esta minh'alma
 deixando a ella, á Maria!
 Eu quero-a tanto e o costume
 de sempre adoral-a e vel-a
 faz soltar-me este queixume!
 Porem, mãe, ella é tão bella!
 Hontem, á hora em que na matta
 solta o canto o uratauhy,
 na baixa grande do rio
 eu encontrei-a, eu a vi.
 Vinha triste. Confessei-lhe
 meu amor ardente, ouvi
 a sua voz doce, tão doce
 como o sussurro das aguas
 entre as folhas de agua-pé,
 e abrandou minhas magoas
 aquella voz tão de mel,
 quando me disse:—«eu te amo!»—
 Ai, que tortura cruel
 dizer-lhe agora que eu parto,
 talvez, quem sabe?—morrer...»—
 —«Filho, que frases tão duras
 'stás tú ali a dizer?»—
 —«Olha, mãe, cuida-me d'ella,
 consola-a na sua saudade!
 Si eu voltar hei de trazer-lhe
 muitos mimos da cidade.

Si ella esquecer-me... paciencia!
hei de muito me affligir!
si agora n'esta jornada
eu tiver de succumbir,
dize a Antonio que me vingue...
Quando voltar, não concordas?
hei de trazer o enxoval.
Cuida bem da minha roça,
'stá bonito o feijoal,
não deixes dar-lhe a lagarta.
Vai preparar minha roupa,
não precisa ir toda, não;
mette-me um pouco de fumo
com a roupa no meu surrão.
Achas bom que eu leve a rede?
não precisa, si quizeres
podes deitar, vós mulheres
entendeis d'isto melhor.
Minha mãe, olha, a Maria
pode vir morar contigo,
muito bem pode ajudar-te.
Quanto ao mais eu só te digo:
—ella, mãe, é minha amante.»
—«'Stá bem, meu filho, é bastante.
Vou cuidar no necessario
p'ra viagem; tu e Antonio
não se esqueçam do roزاریo,
que foi bento pelo padre
quando andou na *desobriga*
na fazenda, o anno passado.
Vou pendurar esta figa
no pescoço da Maria,

p'ra a livrar de mão olhado
 e do feitiço; esta cruz
 has de leval-a, meu filho.
 Nossa Senhora da Luz
 te acompanhe em tua viagem!»
 —«Ave-Maria não tarda,
 dê-me, mãe, sua santa benção.
 Vou limpar esta espingarda.

Adeus.»—

—«Accompanhem-te os anjos dos céos.»—

.....

Ouvistes bem? peço venia
 ao leitor susceptivel
 si eu avancei n'esta scena
 alguma cousa impossivel.

Eu acho que o sentimento
 em toda parte se aninha,
 no peito mesmo do escravo!
 seja isto loucura minha!—

Depois... não peço perdão;
 eu avisei ao leitor
 que, no correr d'esta historia,
 davam-se *scenas de horror!*

São passados tres dias; na clareira,
ao romper da manhã, já reunidos
estão todos os negros que se aprestam
para partir em busca do thezouro
que roubado lhes foi.

O filho abraça a mãe que cuidadosa,
chorando, coitadinha! os olhos ergue
pedindo á Deus que ampare com clemencia
o filho que se vai.

Todos choram, porem resignados
pedem do céo o auxilio que não falte
para aquelles que vão sacrificar-se
em prol da liberdade!

Moveu-se o bando e depressa
poz-se em marcha, e lá partiu,
e na volta do caminho
logo depois se sumiu.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

II

Em seu carro de perolas ornado
(vai cair-me da penna alguma asneira
pois que nada farei por este lado,
visto não dar p'ra elle. A brincadeira
de querer me metter no que não posso
rendeu de mais este versinho ensosso.)

Vem raiando a manhã; scintilla o orvalho
sobre a planta rasteira do caminho;
do cajueiro pouza sobre o galho
a ave medrosa, abandonando o ninho,
e doida, pipitando tão contente,
vai belliscar o fructo doce e olente.

De negros corvos numerozo bando
já deixa a arvore velha que despida
de folhas e rebentos vai ficando,

e que lhe serve á noite de dormida,
e ás pressas (rapidez que a fome atíça),
vai voando em procura de carniça.

Saudosa canta alem na capoeira
a sururina, e o tremulo lamento,
(segundo pensa e diz gente crendeira),
conta as horas que são n'esse momento:
a peçoapá responde-lhe do matto,
n'um gemido que dóe, sendo tão grato.

Do jussaral as palmas reluzentes
mais brillam á luz do sol que vem raiando;
dos troncos altos, finos e nitentes,
que do vento ao soprar se estão vergando,
escorrem as gottas brancas de agoa fria
que sobre elles á noite Deus envia.

Sabeis vós onde estamos?—Não, de certo.
Pois então vou dizer-vos. O scenario
é n'uma encruzilhada e fica perto
d'um tejupaba triste e solitario,
que serve de guarida e de agasalho
aos negros, quando finda o seu trabalho.

Si alguma vez andastes pelas selvás,
haveis de ter lembrança d'essas choças
que ahi se encontram; verdejante relva
as orna em derredor; das grandes roças
junto ás cercas são logo despresadas,
si as terras, como dizem, 'stão cansadas.

Pois era da familia d'esses ranchos
 a casa de que fallo; no fogão
 ardem alguns gravetos e garranchos
 que espalham em tórno a si dubio clarão.
 Junto ao fogo deitado, somnolento,
 'stá um cão que dormita pachorrento.

Dois troncos feios, toscos e grosseiros + *only*
 sustentam a cumieira. O ennegrecido
 tecto, feito de palmas de coqueiro,
 vai morrer junto ao sólo, á terra unido.
 Uma sala somente destapada,
 aonde o matto cresce, e... só, mais nada.

Olhai: alem no meio da encruzilhada
 está de negros um grupo reunido
 que se dirige á casa abandonada.
 Um d'elles já é nosso conhecido;
 já vimo-l'o uma vez, em um momento,
 e, haveis de vos lembrar, chama-se Bento.

Chegaram ao tejupaba, eil-os se assentam
 no chão, junto do fogo, em larga roda,
 e parecem esperar. Todos attentam
 ao que vai se dizer. A turba toda
 ter de pedra parece n'esse instante
 o corpo, a face, os olhos, o semblante.

—«Meus irmãos, nosso chefe aqui mandou-me,
 (disse o Bento) comvosco de companhia
 visitar estes sitios, e ordenou-me
 que visse si devéras é tamanha

FUNG — MA.
 Biblioteca Pública
 "Benedito Leite"

a força que nós temos na fazenda
Tauá, d'aqui bem perto, e recommenda

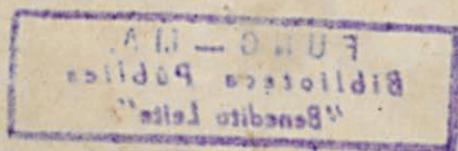
que ninguem appareça assim ás claras,
para não excitar desconfianças,
e para não frustrar nossas tão caras,
tão amadas e santas esperanças.
Mas não é esta a minha opinião,
e o que eu quero escutai com attenção.

Estamos bem pertinho do Tauá,
é de manhã, e disse-me a Josepha
(que encontrei quando vinha para cá)
que os pretos todos foram p'ra tarefa,
e que em casa não ha temor nem medo
de nós pretos fugidos—Nhor Alfredo,

o feitor da fazenda, 'stá na roça;
só 'stão em casa as brancas e o irmão
(em quem eu prometti dar uma coça,
em paga de outra que, sem ter razão,
elle me deu). Não percebeis agora?
Ataquemos os brancos sem demora.

Entremos pois no sitio de surpresa,
subamos logo á casa de vivenda;
seja hoje servida a nossa meza
pelos brancos, senhores da fazenda.
Troquemos os papeis—quem for escravo
seja hoje senhor um instante... «Bravo!»...

gritou a multidão, «eia! partamos!»—



—«Porem não reparais, disse uma voz,
que do chefe de encontro às ordens vamos?»—

—«Escuta: logo ou já faremos nós,
disse Bento, o que eu quero? dize lá,
si temos de fazer façamos já.»—

Eil-o, o sol que se levanta
rompendo o véo de neblina
que, envolvendo a casa branca,
cobre alem toda a campina.

Eil-o, brilhante allumia
a fazenda que desperta.
Vêde agora tão bonita
a casa grande coberta
de rubra telha, que brilha
molhada pelo sereno.

Como o sítio é socegado!

Como corre o vento ameno!

Os bois ruminam deitados,
soltos da canga, o bezerro
salta preso no curral;
o touro acorda com um berro
os echos do mattagal.

Lá vem o carro cantando
da roça pelo caminho.
Pasta o rebanho de ovelhas,
e no cercado visinho
ouve-se o gallo cantar.

No rio, que perto passa,
vai a garça se banhar;
sae um fio de fumaça
do cano da chaminé,
e nos ares se adelgaça
até de todo summir-se.
Junto á casa ali se vê
um jardimzinho aromado,
pequeno, sim, mas bonito,
de páo-á-pique cercado.

Vêde ali sobre a varanda
que linda moça apparece,
tão branca, tão delicada,
uma açucena parece.
Solta os cabellos compridos
sobre o collo feiticeiro;
aspira o odôr de uma rosa
collida no seu canteiro;
espraia os olhos formosos
pela relva que é tão verde,
e, na sua abstracção,
parece até que se perde.
Pousa a face na mãosinha
em descuidoso abandono,
cerra as palpebras de leve,
inda pesadas de somno.
Aquella alma o que pensa,
que aquelle labio não diz?
Como é bella aquella vida!
parece ser tão feliz!

Voa um pombo do terreiro
e vem pousar sobre o braço
da moça, que com ternura,
o deita no seu regaço.

—Que vida deliciosa
longe das villas se passa!
nem um pezar pela mente
com ligeireza esvoaça.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

Vai mais alto o sol no gyro.
De repente na cancella,
que fecha a estrada visiuha,
apparece um ponto negro,
abre-a e penetra por ella,
ligeiramente caminha.
Já se distinguê mui bem
que é o bando dos calhambolas,
que atacar o sitio vem.

Ao vêr a turba dos negros,
que vinha*armada e correndo
pelo sitio como louca,
muitos tregeitos fazendo,
a moça, como ferida
por atroz presentimento,
fez-se pallida, ficando
immovel por um momento.
A voz saiu-lhe truncada
da garganta:—«meu irmão!»—

.....

Junto á escada da varanda
os pretos chegados são!

Junto á irmã espavorida
pergunta o moço: — «o que é?!» —
Os lábios não se moveram,
porém o olhar disse: — «vê!» —

Quando se atira por acaso ao lago
uma codea de pão, uma migalha,
ouve-se logo um mormurio vago,
que em breve pelo ar fraco se espalha,
e um cardume de peixes reluzentes
vem á tona das aguas transparentes.

Então essa myriada faminta
se lança sobre o pão com azafama,
e a codea n'um momento fica extincta.
O sol bate de chapa nas escamas,
que brilham, resplandecem, verdes, bellas,
negras, brancas, azues, ou amarellas.

Como os peixes a turba dos famintos
escravos, em procura da vingança,
estava então. Os negros tão relintos
não pensavam e só tinham uma lembrança:
acommetter ali desordenados
os brancos, — seus senhores, — desarmados.

Era de ver o bando enfurecido

bater com raiva insana sobre a grade
da cancella, e lançar-se com um rugido,
que denotava a sua feridade,
pela larga e comprida escadaria
que á varanda da casa conduzia.

Era como a serpente que desdobra
o seu corpo gigante e mosqueado.
A furia,—de uma parte, era de cobra,
e os olhos encontravam de outro lado
o matiz da serpente,—eram tão varios
aquelles exquisitos vestuarios.—

Desde a esguia casaca aristocrata
tê a jaqueta curta de zuarte,
a blusa de algodão do democrata,
desengraçada, sem belleza ou arte,—
o fraque delicado do taul,
de panno preto, ou verde, ou então azul;

a pantalona estreita, fina á *ingleza*,
as perneiras de couro que é vermelho,
o calção, vestimenta da pobreza,
e que não desce abaixo do joelho,
a tanga curta, ornato do Tymbira,
feita de palha, pennas e de embira;

o chapéo de Manilha desabado,
o gôrro, a carapuça de baêta,
a rubra barretina do soldado,
o redondo chapéo de seda preta,

tudo sem ordem ali se misturava,
de tudo havia, tudo se encontrava.

Uns traziam compridas lazarinas,
um curto clavinote outros traziam;
facas de ponta, aceradas, finas,
gritando ferozmente estes brandiam,
aquelles tinham á cinta, pendurados
em bainhas de couro, os seus terçados.

A pomba que avista trépida
o gavião altaneiro,
sob a aza do companheiro
vai medrosa se abrigar:
como a rola, a moça pávida,
vergando o corpo mimoso,
abraça o irmão extremoso,
crendo n'elle auxilio achar.

Uma porta abriu-se rápida,
n'ella um rosto appareceu
que logo após se escondeu
um surdo grito soltando.
Logo o moço cobrou animo;
com o sobr'olho carregado,
ao bando desenfreado
d'este modo foi fallando:

—«Escravos, então que é isto?
que insania n'este momento
vos passa pela cabeça?
Tendes tanto atrevimento

que ousais subir as escadas
de minha casa, gritando,
como si acaso estivesseis
no vosso rancho bailando?
Ide-vos todos embora;
não vos quero aqui mais ver!

—«Si isto se contar
ninguem quererá erer!—
Não temas nada, Severa,
'stou aqui p'ra te valer.»—

Acaso já sentistes, no meio de uma floresta,
na hora em que o veado repousa, á hora da sésa,
quando bate de chapa o sol na branca areia,
e dá-lhe um brilho tal que os olhos encandeia,
na hora em que a serpente estende-se ao comprido,
na larga estrada ao sol, depois de ter comido;
quando parece até que a natureza dorme
recostada aos coxins asues do leito enorme;
n'essa hora já sentistes o murmurar tremendo
do bosque, a respirar, borrascas promettendo?
Já vistes como aos poucos o vago murmúrio
do vento, sobre as folhas rodando em corropio,
vai crescendo mais forte? e como as nuvens pardas
vão para o oriente se encaminhando tardas?
As folhas resequidas farfalham, s'entrechocam;
de chofre duas nuvens s'encontram, se deslocam:
uma fita vermelha, ardente, côr de fogo
percorre o céu e ouve-se um estampido logo.
O sol esconde a face e os ventos despeados

sacodem a coma altiva dos cedros respeitados!
 Rompe enfim o tufão! Demonios que gargalham,
 gigantes que se estorcem, ribombos que se espalham
 terríveis pelo ar! estrugem as cataractas!
 os languídos corrêgos transformam-se em cascatas!
 O veado se desperta, empina a orelha, escuta,
 dispára na carreira ouvindo aquella luta.
 O furacão descansa, começa, se renova!
 a cobra amedrontada lá foge para a cova.
 Pois bem, como o tufão a turba rebramira,
 ouvindo as loucas frases que o moço proferira.

Não, eu não quero contar-vos
 o que então passou-se ali.
 Fôra empreza agigantada!
 Cousa mais feia não vi!

Ponde a um lado a vingança
 que terrível se alimenta,
 a innocencia a outro lado
 que sem força se lamenta.

De uma parte rostos negros
 de outras—faces nacaradas
 — rostos que fazem tremer,
 faces que tremem espantadas.

Supplices mãos estendidas
 pedindo amparo, perdão,

braços nús que se levantam
para matar; maldicção!

Labios roseos que s'entr'abrem
balbuciando uma prece,
bocas torpes que proferem
blasphemias de quem padece.

Gemidos fracos de seios
que ondulam descompassados,
gargalhadas zombadoras...

.....
De um lado fracas senhoras
d'outro negros enraivados.

Gente tosca acostumada
a viver sempre humilhada
sob a vista carregada
de deshumano senhor,
sem vontade vegetando,
dia e noite trabalhando,
o corpo martyrisando,
ao sol, á chuva ao calor,

sem fé viva que alimente
seu espirito doente,
e que cuidadosa o isente
de praticar algum mal,
n'um momento de amargura
foi tomada de loucura,
e a raivosa escravatura
logo mostrou quanto val!

Eis os effeitos, pois, que a lepra horrível
traz após si! um sequito sangrento,
que empesta e mata ao povo que a toléra.

*Escravidão! opprobrio! eis o apanagio
de nosso progredir.*

Porem, que importa?

si emquanto o escravo geme na agonia,
arrastando seu fado, emquanto sua
cavando a terra que recebe as lagrimas,
que em fios lhe escorregam pelas faces,
que importa? si a lavoura, a industria, tudo
se entrega ao negro, e o branco sybarita
folga e ri nos seus leitos luxuosos,
e aos prazeres se entrega descuidoso?
Que importa, si o *trabalho traz deshonra?*

Depois a insurreição nasce, se occulta,
cresce esquecida e vai forças tomando,
espalha os seus cem braços, se enraiza,
e espera paciente 'té que chegue
o dia desejado. A hora sôa:

'stá prompta a legião, ergue-se o panno;
e o que vêdes então n'esse scenario?

—A louca ignorancia que trabalha,
e que prompta reage contra o mando.—

O branco nem a espera, e emquanto dorme
sonhando os lucros que trazer-lhe podem
de um homem a venda, a compra de outro homem,
eis que chega um ruido aos seus ouvidos
que o desperta: caminha, quer sorrir-se,
mas o peito está dentro a remorder-lhe.
Falla aos negros. Insulfa-os? Não; o escravo

nem d'insultos é digno. Dá ordens
 para serem açoitados os rebeldes.
 Mas é tarde! uma ideia não se fina
 com um debil sôpro. Emfim vem a carnagem,
 o chôro, a maldicção, o saque, os gritos;
 tudo se rouba, tudo se devasta,
 —funebre effeito atroz da rebeldia.—
 Apoz isto o lamento, apoz as queixas.
 Não devemos dizer mal dos escravos,
 devemos maldizer quem d'elles usa,
 como um traste que em breve se aposenta
 porque a moda passou

.....

E esta?! não fui bem nesta tirada?
 Ora confesse, pois, leitor amigo,
 que foi grande massada
 condemnal-o a lèr todo este pedaço.

Não esperava chegar onde cheguei
 quando o canto segundo comecei.
 Tenho ja um estylo de assembleia,
 e tenho esta cabeça
 de tanta cousa cheia,
 que eu às vezes nem sei mesmo o que digo.
 Porem... vá lá! aquillo que se sente
 não se deve callar, deve dizer-se
 e muito abertamente.

.....

Que poeira se levanta
 alem na beira da estrada?
 que rumor estranho é este?
 Um cavallo á desfilada

junto a cancella apparece,
 vóa, não corre; voando
 arqueja, espuma, avança como um doido,
 e junto á casa chegando
 o chefe que o vem montando
 com presteza da sella logo desce.
 Cai como um raio
 no meio dos pretos que mudos ficaram
 e após sentr'olharam.

«O que é isto? é esta a ordem
 que eu vos dei quando partistes?
 assim, meus irmãos, cumpristes
 o que vos disse? atacar
 sem dó nenhum a innocencia!
 ah! pensei que vós tivessesis
 mais um pouco de clemencia!
 Como vos vim eu achar?
 com uma infamia entre mãos!
 Abaixo as armas, e já!
 Que vergonha, meus irmãos!»—

Ouviu-se um rumor confuso,
 eram vozes descontentes:
 —«Havemos de consentir
 que se insulte assim a gente?
 Nós tambem somos os chefes,
 queremos tambem mandar.»—
 —«Foi p'ra isto que sahimos
 do nosso mocambo p'ra vir pelejar?»—
 —«Já vos disse, não vamos pelejar;

nós viemos procurar
 aquillo que de certo os brancos todos
 contentes hão de dar!
 —a nossa liberdade, e nada mais!
 Não sois livres ainda e já mandais?!...—

Serenou-se pouco a pouco
 aquelle bando louco
 e partiu.

Pisando espinhos agudos
 descalça, só, fugitiva,
 vai a familia evitando
 signaes da raça captiva.
 Onde irá? não sei; ouçamos
 o que diz
 aquella gente infeliz:

—«Que vexame, minha mãe,
 nem sei como viva estou!
 —«Ai! que espinho em minha pelle
 tão agudo se entranhou!»—
 —«Paciencia, filha, fuçamos!
 é preciso assim fazer;
 vamos-nos pois á cidade
 da policia nos valer»—
 «Chiegamos, mãe, á paragem
 (disse o moço) onde a canôa
 espera-nos; a viagem
 agora ha de ser boa.

Pedro, agora te agradeço,
 te conservaste fiel;
 não quizeste felizmente
 seguir á turba cruel.
 És negro, mas és honrado,
 pois que aqui nos conduziste
 e de guia nos serviste.
 Fizeste um grande favor!»—
 —«Ora, nada, meu senhor,
 nada fiz; sou seu escravo
 para servil-o constante;
 é meu dever. . .»—És um bravo!»

Verde o campo se desdobra
 de mil flores semeado,
 —manto de pura esmeralda
 por mão de fada bordado.—

As flores se debruçam
 por cima da corrente,
 que beija a planta humilde
 e passa mollemente.

O canto das marrecas
 desperta a solidão.
 O lago alem se mira
 do céo na vastidão.

Lá passa, vella solta,
 ligeira canóinha,

um pescador vae n'ella,
a rêde, o anzol, á linha

O sol vae descambando
p'ra o lado do poente
e a lua vem surgindo
da parte do oriente.

Lá sahe de um porto um casco,
que linda ygarité!—
coberta com uma tolda,
—quão commoda não é!—

Caminha mui de nianso.
Alguma cousa teme?
Um moço alto e rosado
está com a mão no leme.

Pois não sabeis quem é?
É a familia exilada,
que foge atemorizada.
N'uma mouta de arariba
a ygarité se encobriu,
deixando atraz uma esteira
de luz.....
..... O panno cahio.

III

Palavra! não pensei qu'este poema
viesses me trazer tantas canceiras.
Estou mettido em bôas! um dilemma
apanhou-me em suas pontas traiçoeiras.
As ambições saltaram-me bem caras!
vesti uma camisa de onze varas.

Ou acabo o poema, ou não acabo:
acabando-o, terei muito trabalho,
sem sahir elle bom, e dou-o ao diabo
que ha de dar-lhe hospedagem e agazalho;
se não findo o negocio, inda é mais feio.
Deixar a gente um poema assim no meio...

Não importa, porém! hei de findal-o,
— com ser não muito facil esta empreza, —
inda qu'eu leve um sec'lo a forjical-o

(quem me dêra!) sentado junto á mesa:
 hei de ter sempre em vista a grande lei
 de—«faze por ti, que eu cá te ajudarei.»—

Dir-me-hão os leitores—«que doudice
 «é essa que lhe dá para escrever?»—
 Não sei: de certo alguma exquisitece
 que, comtudo, me dá certo prazer:
 Mas... como estou eu dando a taramella?
 Vamos-nos pois á historia, e com cautella.

Com cautella? Por que? ora, leitor,
 esta pergunta é um pouco intempestiva:
 pois não sabeis as leis que de rigor,
 presidir sempre devem á narrativa?
 De certo bem sabeis, e a explicação
 d'ellas não tem aqui conexão.

Os fugidos ficaram caminhando
 para o seu arraial, mas por ora
 deixemo-los um instante; viajando
 a familia ficára, mas agora
 deixemol-a de parte; outros actores
 o cuidado reclamam dos leitores.

Mude-se o *mise-en-scène* d'este acto,
 basta de bosques, roças, capoeiras;
 não queremos mais ver vistas de matto,
 nem ouvir rebramar as cachoeiras,—
 os leitores dirão:—«vossa vontade
 seja feita, e...» voemos á cidade.

Porem não espereis encontrar n'ella
 edifícios de pedra, obeliscos,
 altas torres, estatuas, ruas bellas,
 navios, *et caetera*. Não ha risco
 de revistada ser nossa bagagem,
 nem pagamos por ella armazenagem.

Nada d'isso: a cidade é bem pequena,
 fica junto de um lago que se espriaia
 em ondas mansas, placidas, serenas
 a seus pés, como um manto de cambraia.
 Casas de palha, muitas são de telhas,
 umas pardas, as outras são vermelhas.

Quem vem de longe, além do lago em meio,
 e abrange com um olhar toda a cidade,
 quando um sol de verão bate-lhe em cheio,
 acha formosa aquella variedade
 de côres que n'ess'hora ella apresenta,
 no mosaico luzido que a ornamenta.

Junto a um tecto vermelho se descobre
 o sombreado verde dos coqueiros;
 a côr da palha que as casinhas cobre
 une-se ao branco alegre e feiticeiro;
 relva e areia na praia, — duas fitas,
 uma verde, outra branca, ambas bonitas...

Tive agora uma ideia: se Petrarca
 tornou celebre a fonte de Vaüclusa;
 e se da poesia um patriarcha
 elevou 'tê as nuvens com sua musa

essa gruta de Fingal decantada,
inda hoje na historia tão fallada;

eu da mesma maneira (me parece) -
poderei celebrar n'esta epopéa
a cidade que linda transparece,
como a imaginação a delinêa,
dizendo qu'eu ali tive o meu berço,
e... acabo a estrophe aqui no ultimo verso.

Venha o leitor commigo
até junto da igreja;
repare bem e veja
se é lindo este lugar.
Aqui a' cruz singela,
a praça, algumas casas,
e alem no campo as azas
das aves a voar.

D'aqui ouve-se o grito
do «bem-te-vi» que salta
entre o capim, e esmalta
a relva de amarello;
e o canto das marrecas,
o o grito do tetéo;
por cima o azul do céu.
Será o sitio bello?

Ali, a um lado da praça
se ergue tristonha e sombria

a casa de detenção.
 O sol, já alto, allumia
 a scena qu'então se passa
 junto a seu largo portão.
 A sentinella passeia
 junto da velha guarita,
 pelo pateo o olhar vagueia,
 e depois os olhos fita
 sobre um grupo de pessoas
 que uma fila de soldados,
 todos armados, rodeia.
 Tudo ali é movimento.
 Nas janellas espantados
 alguns rostos apparecem.
 O povo vai se ajuntando:
 todos que chegam parecem
 'star contentes; perguntando
 vão uns aos outros de novo
 o que ha. Quereis ouvir
 o que diz aquelle povo?

- «Oh! lá! estão pegados? bem dizia
 o coronel Joaquim, o meu compadre,—
 qu'isto não era nada!»—
 —«Nada? não, lá que havia novidade
 e grande, e muito grande, é innegavel.»—
 —«Isto não foi somente patacoada.»—
 —«Apoiado! pois não!»—«Ó incomparavel
 capitão, venha cá, venha contar
 o que passou você por esses mattos,
 enquanto andou por elles a brigar
 com esses negros malvados!»—

O sujeito que fôra interpellado
chegou-se ao grupo e foi logo cercado
por toda aquella gente.

Em roda d'elle os *ditos* se cruzavam:

—«Olhem, aquelle, sim, já é valente!»—

—«Foi com a tropa e voltou, tendo vencido
os pretos todos.»—«Como está queimado
pelo sol!»—«Quem diria? tão franzino!...»—
—«Parece que elle veio adoentado?»—

—«Pudéra! n'essas brenhas, ao relento,
muitas vezes passando sêde e fome!...»—

—«Aquelle, sim! no entanto aqui *ha gente*
que nem com isto um pouco se consome.»—

—«Olhe, compadre, si eu não fosse velho
tambem faria o que elle fez: quem sabe
se não foi tão somente p'ra mostrar-se,
e ganhar?... homem... eu sei... aqui...!»—«Compadre,

nem diga isso brincando; é não saber
dar o seu a seu dono!»—«Ora essa é boa!
não digo isto porque... mas n'esta terra
nada se faz sem interesse, á tóa:
talvez... uma patente de major...»—

—«Si você continúa... máo!... peor!...»—

O capitão, heróe d'aquelle dia,
era um moço sympathico e moreno;
cabellos negros, lúsidios bastos,
figura delicada, olhar sereno.

O sol o havia feito mais trigueiro;
a cabelleira ao vento fluctuava.
Eis o que elle contou á *turba-multa*

que anciosa o cercava:
—«Sabem? Quando nós soubemos
que os escravos revoltosos
haviam, desenfreados,
atacado os descuidosos
fazendeiros do Taná;
alguns homens s'offreceram
p'ra marchar contra os fugidos.
O exemplo que elles deram
foi seguido pelos mais.

Cem homens se reuniram;
faltava quem os mandasse;
alguns houve que pediram
que eu fosse seu commandante.
Não havia causa bastante
p'ra que eu recusasse-o ser;
depois... um outro motivo
—cumpria n'isso um dever—
Partimos, pelo caminho
alguns revezes soffremos;
felizmente foram pagos
pelo bem que nós fizemos.
Aqui—grandes atolleiros,
mais além—campos immensos
que a chuva enchêra e inundára,
e no fim—bosques extensos.
Caminhámos muitas vezes
sem saber em que paragem

nos achavamos, nó entanto
 continuava a viagem.
 «Picada» aberta a facão
 cipoaes interminaveis,
 um pragal!... (Deus nos accuda!)
 jararacas respeitaveis;
 carne má por alimento
 passada ao fogo um momento...»
 —«E a caça?»—«Tinhamos muita.
 porém se se dêsse um tiro
 bastaria p'r'afugentar
 os negros do seu retiro.
 Eu já estava sem esp'ranças
 de sahir-me bem da empreza.
 Sabia que os pretos tinham
 muitos meios de defeza;
 não sabia p'ra que lado
 o seu mocambo ficava.
 Já assim andando a tóa
 o destino me levava.
 Uma tarde nós parámos
 n'uma campina, o cansaço
 pedia ao corpo descanso;
 deitei-me alí sobre a relva,
 —por travesseiro o meu braço —
 Tinhamos já muito andado:
 «Batalha», «Tauá», «Retiro»,
 «Villa-nova de Annadia»—
 tudo tinhamos passado.
 Parece que não havia
 mais casas d'ali por diante.
 O «Chico d'Anna Maria»,

que era o sargento da tropa,
 preparava uma cânastra
 para guardar sua roupa.
 Faltou-lhe lá não sei que,
 —pindoba, embira ou timbó,—
 para acabar sua obra,
 entrou nos mattos e só,
 com um facão a ver se achava
 o qu'elle então desejava:
 «Andando um pouco entre o matto,
 (elle depois me contou:)
 «avistei uma casinha,
 «cousa que me admirou.
 «Cheguei mais perto; a tal casinha
 «mais parecia um girão,
 «ou mundéo d'esperar caça:
 «alguns cavacos de páo
 «inda ardiam no fogão;
 «uns rastos ali por perto
 «e uma cabaga no chão.»
 Logo que soube esta nova
 mandei todos reunir,
 e alguns cartuchos de bala
 entre elles distribuir.
 Marchei logo, *in continenti*.
 O «Anselmo da Villa Nova»—
 muito serviu n'esse dia,
 deu de si mui boa prova;
 quasi foi o nosso guia.
 De fresco um galho cortado,
 um rasto nas folhas, tudo
 de signal então serviu.

Marchámos com pés de lâ,
quasi toda a noite andámos;
á final pela manhã
junto ao quilombo chegamos.
'Stavam os negros avisados,
por quem? não sei: Mandeí logo
que se cercasse o mocambo
e sobre elle fazer fogo.
Travou-se a luta: os fugidos
como leões batalhavam;
resistiram muito tempo
e bem munidos se achavam
Mas á final a desordem
entre elles se declarou.
Uns fugiram amedrontados;
só o chefe se conservou
com todo o seu sangue-frio
entre aquelle desvario:
outros morreram, coitados!
Mandeí avançar a gente
com ordem só de agarrar
os que podesse encontrar.
O chefe foi o primeiro
que nas nossas mãos cahiu;
depois um tal «Corta-matto,»
que de muito nos serviu
quando voltamos de lá.
(Preto de fino no matto
como aquelle igual não ha!)
Além d'isso mais uns trinta
foram presos e ahí 'stam.
Creio qu'elles em outra alhada

nunca mais se metterão.
 Além d'isso em breve tempo,
 hei de partir outra vez,
 p'ra prender os que ficaram.
 Vós vereis d'aqui a um mez
 o mais tardar... pode ser
 que em menos tempo... talvez.» —
 —«Pois eu creio que o contrario
 ha de se dar... queira Deus!» —
 —«Quai! a lição foi bem dada.» —
 —«Ora tal permittam os céos!» —

Eis o que ali se fallava
 na cidade n'esse dia:
 isto só se discutia,
 isto só se conversava.

Dir-me-ha o leitor: «muito bonito!
 que linda sorte deu aos seus heróes!
 agora tire-os d'ella se é capaz!
 Olhe, isto não se faz,
 zombar, como tem feito, assim de nós!» —

Perdão, leitor, o que faço
 é contar a minha historia
 tal como se passou.
 Trégoa pois com a palmatoria;
 deixe-me o poema acabar,
 depois poderá dizer
 o que bem lhe parecer.

E além d'isso eu póderia
 vos contar cousa contraria
 áquillo que aconteceu?
 Não tenho a mente tão vária,
 tão tólo assim não sou eu!

Não tenho culpa pois que a disciplina,
 arte de guerrear, tactica, tudo
 dos pretos estivesse em tanto atrazo,
 a ponto de ficarem derrotados
 logo ao primeiro choque. Tenho culpa
 que o medo d'elles se apossasse tanto?
 que surdós não ouvissem a voz do chefe
 chamando-os á peleja? Não, de certo.
 Consinta pois, leitor, que eu continue
 a minha historia e deixe-se de *apartes*.

Que linda sala! onde estamos?
 n'uma casa (já se vê);
 que linda moça! quem é?
 Pois não conhece-a, leitor?
 Com ella nos encontrámos
 em uma só vez, no Tauá,
 e até chama-se Severa.
 Então recorda-se já?
 Pois eil-a ali assentada,
 com um pequeno bastidor,
 fazendo nascer na tela
 um botõesinho de flor.
 Junto d'ella um capitão

qu'inda ha pouco em scena entrou
 conta-lhe as mesmas historias
 que na praça já contou.
 A moça deixa o bordado
 para melhor o escutar.
 Elle finda com estas phrases
 que fizeram-n'a córar:
 —«Eis o que fiz. Tu somente
 podes saber que por ti
 eu marchei contra os fugidos.
 Digo-te agora: «eis-me aqui!
 «fui vingar-te, cobreí forças
 «para poder trabalhar.
 «Em paga d'isto só peço
 «um teu sorriso, um olhar.
 «Bem vês, sou pouco exigente,
 «é pequeno o meu pedido.»—
 Ella fitou-o sorrindo,
 com o semblante enrubescido,
 e lhe disse:—«'Inda não bastam
 essas provas que me deu.
 Quero fazer-lhe um pedido
 (talvez um capricho meu),
 mas... bem sabe, sou mulher,
 sou curiosa portanto,
 e tudo quero saber.
 Ouço fallar n'esse chefe
 dos calliambólas, porém
 não o conheço, e quizera
 vê-lo, assim de perto, bem.
 Já o vi, mas de relance,
 e em uma tal emergencia...

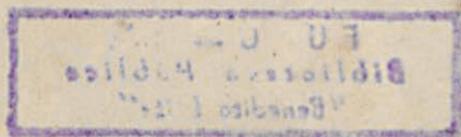
no Tauá... sabe?...» — «Pois não!
 Olhem que grande exigência!
 Vou fallar ao delegado,
 que me trata como amigo,
 já vólto...» — E foi-se apressado.

D'ahj a momentos entrava contente,
 o chefe dos negros trazendo comsigo.

O mattagal estala, se estorce em convulsões,
 quando o incendio voraz o aperta em seus grilhões.
 O cedro respeitado desprende-se do solo,
 descamba enfraquecido vergando o augusto collo;
 um estrondo semelhante á voz das tempestades
 ou á voz do mar que quebra-se por entre cavidades,
 lhe entôa o — *de profundis* — no seu final gemido.
 Seu ultimo suspiro traduz-se n'um rugido!
 Bem como o cedro forte que o incendio devastára,
 após a luta a face do chefe então ficára.
 Quem visse aquella fronte lhe devassaria a ideia!
 dir-se-hia escripta n'ella a funebre epopeia
 que tantos dissabores trouxera áquelle peito,
 que tantas chagas novas lhe tinha n'alma feito!
 No entanto estava calmo; de certo se diria
 que, sob a cinza, a chamma ardente 'inda dormia.
 A barba, que alvejára, pendia-lhe crescida
 emoldurando a face retinta e entristecida.
 As orbitas dos olhos cavadas e profundas
 bem deixavam ver
 — o effeito de suas dores, das agonias fundas.

Emfim n'aquella fronte rugosa, nobre, escura,
um nome estava impresso somente, era —tortura!—

Chegando da sala em meio
parou com os braços cruzados,
—postura humilde; os seus olhos
quasi que estavam fechados.
No entanto nessa humildade
tinha a nobreza dos reis.
Sem levantar a cabeça
interrogou:—«que quereis?»—
—«Ouvi fallar de tua fama,
sem comtudo conhecer-te;
e... perdão... como te chamas?»—
—«Chamam-me o chefe... mas hoje
não sou: sabei, senhora;
chamai-me como quizerdes,
pouco importa. Muito embora
eu tenha um nome, nem sei
se d'elle me lembrarei.
De um negro o nome que importa?
e de um escravo, 'inda mais!
—secca folha que se perde
nos immensos areiaes.—
Pode acaso o negro escravo
ter o seu nome tambem?
Basta que o dono o conheça
e... então um nome á que vem?
Um nome!—gotta de orvalho,
que das nuvens cabe no mar
folha que o vento sacode,
sem destino, pelo ar.
Que vale um nome em tal caso?



não quero um nome assim ter.
Chamai pois como quizerdes
que eu vos hei de responder.»—

—«(Que linguagem! de um negro não parece!
este homem por força é grande e nobre.)
Teu fallar é de quem descre do mundo;
muitas angustias teu dizer encobre!

Tens soffrido?»—«Oh, senhora! sois tão boa
tomando assim por mim tal interesse.
Perguntais se descreio? e 'inda creeria
alguem, que, como eu, tanto soffresse?

Fez-se a fé p'ra os felizes d'este mundo,
e não p'ra mim que ainda sou escravo!»—
—«Mas... eu sei que aborreces muito os brancos;
recebeste de alguns algum agravo?»—

—«Agravo, não; insultos, crueldades,
aos quaes não dareis credito talvez!»—
—«Porem por uns os outros tu julgaste,
e foste injusto n'isto; bem o vês.

Deverias te vingar somente d'esses
que fizeram-te assim tanto soffrer.»—
—«Não, eu não queria só vingar-me;
meu fim era mais santo; o meu dever...

Queria que p'ra todos refulgisse
o mesmo sol da liberdade; iguaes



queria ver a todos n'este ponto.
Vêde, pensando assim vos enganais.»—

—«Embora sejas tu meu inimigo,
eu te admiro e muito te lamento,
de todo o coração eu desejava
abrandar tua dor, teu soffrimento.

Avalio a agonia de teu peito,
e... olha, eu não sou má... embora branca
devéras sinto a sorte dos escravos
e, talvez não acredites: sou-te franca,

quizéra que elles livres se tornassem...
e quanto mais bonito isto não era?!
Vai, não quero que vejas-me chorar;
vai, e lembra-te sempre de Severa»—

—«Obrigado, senhora, quanto allivio
trazeis ao peito meu n'este momento,
Chorais? tão compassiva sois, tão louca,
que mostrais por um negro sentimento?!

Sinto que minh'alma, com estas vozes,
punge menos com a dor que lhe devora!
Vossas fallas são balsamo bemdito,
que ao peito afflicto tira a dor, senhora.

Perdão, vos incommodo... Adeus, eu vou-me;
e, ainda uma vez,—muito obrigado.»—
E sahiu; um soldado o acompanhava.
O capitão ficára admirado.

O militar durante este dialogo,
 nem uma só palavra proferira.
 Pasmó, depois que o chefe retirou-se,
 disse:—«ou ella 'está douda, ou isto é mentira.»—

Pois não era, leitor; aquella môça
 tinha assim bondadoso coração.
 Não crê? Olhe, esta scena é uma d'aquellas
 sobre as quaes eu fiz uma prevenção—

Mais um pouco de paciencia,
 leitor, e venha commigo
 até junto da cadeia:
 (não se assuste do que digo:
 nós ali vamos somente
 visital-a, e nada mais.)

.....
 É noite... se tendes medo
 não entreis, se vos apraz:
 Eis aqui um corredor,
 e uma porta mais alem;
 e lá... chegamos. Ouvis
 lá dentro fallando alguém?
 Escutai, que a conversa
 julgo que em meio já vai.
 Fallam dois, um é o chefe,
 e outro... silencio, escutai:

—«Pois, Corta-Matto, foi isto
 o que d'ella ouvi e, sabes? tenho medo

de avistares no meu rosto
os patentes signaes de meu segredo.

Oh! não sei porque de novo
eu havia de vê-la; não bastava
a minha luta primeira
com o coração que dentro me pulava?

Escuta, Corta-Matto, eu vou contar-te
o meu segredo, não o digas a ninguém.
Eu sei qu'isto é loucura, mas... que importa?
si esta doudice faz-me tanto bem!

Quando vocês atacaram
o Tauá, estás lembrado?
eu cheguei muito apressado
para fazer com que os nossos
aquella gente poupassem.
—N'esse dia antes os deuses
sem dó nenhum me matassem!—
Foi esse o dia primeiro
em que eu a vi tão formosa!
e pareceu-me uma santa
entre a turba furiosa.
Senti... nem sei te contar
o que senti... mas de pressa
tratei de ver se apagava
essa imagem da cabeça.
Lutei,... venci... mas o esbôço
sempre no peito ficou!
O coração que dormia
hoje forte despertou.

Vejo bem que esta doença
 não tem remedio, é mortal;
 não tenho a força precisa
 para evitar este mal.

Mas, olha, é tão santa e boa...
 não lhe pude resistir;
 minha vontade foi fraca
 e deixou-me succumbir.

Ouve, segredo... aqui dentro
 tenho uma voz a dizer-me
 qu'eu sou infame e covarde
 por deixar assim prender-me—
 por uma filha da raça
 que tanto nos mortifica.

Mas, dize, n'um caso d'estes
 sempre calma a razão fica?»—

—«Não de certo.»—«Pois foi isso
 o que commigo se deu;
 a paixão, o amor obraram
 sobre a razão, que cedeu.

Esqueci de que era negro,
 de que era escravo e fugido,
 e... até de meu juramento,
 dos meus irmãos foragidos.

Fui infame! por castigo
 hoje estou n'esta prisão.

Ao crime que pratiquei
 veio após a expiação.»—

—«'Stareis preso se quizerdes»—

—«O que dizes? não te entendo!»—

—«Pois eu fallo muito claro.»—

—«Explica-te, não comprehendo.»—

—«Sabereis primeiramente

que os brancos de mim precisam
 para servir-lhes de guia
 pelos mattos, e me avisam
 que, se eu fiel os guiar
 dão-me a carta de alforria.
 Pois bem ajudando os brancos
 os nossos servir podia,
 Levo-os por muitos caminhos,
 do nosso bando os affasto
 fujo d'elles, não deixando
 de mim nem sombra nem rasto,
 Procuo os nossos, e unidos
 marchamos contra a cidade,
 atacamos a cadeia,
 vos dando assim liberdade.»—
 —«O plano é bom, mas não quero.
 Ella podia soffrer
 n'este ataque alguma cousa.
 De que me serve o viver
 preso ou solto? isso qu'importa?
 si eu o mesmo já não sou?
 Mas... enfim, escuta e cumpre
 o que eu ordenar-te vou.
 Vai com os brancos, segue a risca
 teu plano até a fugida;
 d'ahi não mais te adiantes,
 seria empreza atrevida.
 Une-te aos nossos irmãos,
 procura as mattas cerradas
 onde nem o sol penetre,
 que sejam deshabitadas.
 Muito alem do *Parauá*

existem mattas assim.
 Funda ali novo mocambo,
 manda-o e governa-o por mim.
 Busca todas as maneiras
 de munir-te e preparar-te,
 p'ra poderes defender-te
 quando forem atacar-te.
 Sê paciente; não te poupes.
 Quando estiveres capaz
 de combater, com certeza
 de vencido não ser mais,
 em busca marcha então da liberdade
 com um batalhão disciplinado e forte!
 Has de jurar porem que farás isto
 depois da minha morte.»—

—«Seja como quereis, juro...»—«Por quem?»—
 —«Por Deus, por minha mãe...»—«Basta, 'stá bem!»—

As vozes se callaram.....
 no outro dia
 de novo a tropa p'ra o sertão partia:

Antonio Corta-Matto
 caminhava servindo-lhe de guia.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

IV

Oh! liberdade! oh, tu que até agora...
(desculpa se tão tarde te invoquei;
mas quem confessa a culpa é perdoado,
diz o adagio, e eu a culpa confessei.)

Oh, liberdade! oh virgem feiticeira!
que até hoje serviste-me de emblema,
me inspira com teus risos e tuas vozes
n'este canto final do meu poema.

x
f
Que vozes d'aqui se escutam?
que monotona toada
é esta que acorda os échos
das varzeas abandonadas?

Ei-lo, o rancho tão ruidoso!
eil-a a ruidosa senzala
que na rustica folgança
aos negros serve de sala.

Coitados! tão infelizes!
com o canto espalham suas penas.
D'este mundo tão diversas,
tão mudaveis são as scenas!

Hontem batendo-se, e hoje
alegres todos cantando!
e assim sua triste vida,
miseros! vam arrastando.

Vencidos, hontem puderam
á mortandade escapar;
hoje escondidos nas mattas
alegres 'stam a cantar!

A casa... e chama-se casa
aquella em que agora estão?
um rancho—pode chamar-se,
porem uma casa, não.

Tres forquilhas sustentando
uma tosca cumieira;
encostado á terra o tecto
de palmas de pindobeira.

Dentro um altar, uma imagem,
n'elle cercado de flores.

Festejam São Benedicto,
—consolador de suas dores.

Ali todos reunidos
ao som dansam da viola,
e com a cantiga acompanham
o bater da castanhola.

A creoula se levanta,
requebrando-se, e no chão
bate faceira e com força
da chifella com o tacão

requebra os olhos escuros,
arqueia o corpo bem feito,
faz uma roda ligeira,
e com o rosto satisfeito

vai *puchar* o escolhido
de seu peito e coração,
dansando bem nas pontinhas
dos pés,—mal pisa no chão!

O *rapaz* torna-se o alvo
das vistas d'essa assembleia;
orgulhoso se levanta,
pula-lhe o sangue na veia;

faz uma leve *mésura*
vergando o corpo e a cabeça,
e o *chorado* principia...
O cantor então começa:

—«O rapaz que está dançando
é mais feliz do que eu,
pois elle tem quem lhe queira,
e o meu amor já morreu.»—

Cruzam-se então as cantigas,
e o combate principia,
sempre na mesma toada
cheia de melancholia.

—«A flor que vive nos campos
bebe o sereno dos ceos;
o meu peito que está secco
vos pede orvalho, meu Deos.»—

—«Oh, garça, que vais voando
p'r'as bandas do meu sertão,
dize a meu bem que com elle
lá se foi meu coração.»—

—«Creoula, minha creoula,
minha flor de manacá.
guarda bem este suspiro
que o meu coração te dá.»—

—«Chorei tanto quando foste,
que, tendo as fontes secco,
se encheram todas de novo
com o meu pranto derramado.»—

—«Cafuza, dá-me o teu lenço,
e tambem teu cabeção;

quero têl-os de *companha*
commigo no frio chão.»—

—«Eu sou cabra resingueiro,
eu não respeito a ninguém,
quando bólem com a creoula
que dança tanto e tão bem.»—

—«Qu'importa qu'eu queira bem?
si o preto não tem querer!—
si só elle tem allivio
quando é feliz em morrer!?»—

—«Tanta laranja madura,
tanto limão pelo chão,
assim tenho derramado
o sangue no coração!»—

—«Tomára achar quem me venda
dez limões por um vintem,
para tirar uma nodoa
que o meu coração tem.»—

—«Eu fui hontem te esperar
debaixo da mamoirana,
não foste, ingrata creoula,
não sejas assim tyrauna!»—

E a viola não se cansa,
e a castanhola tambem.
Naquella alegre festança
não se enfastia ninguém.

Olhai aquella cafuza
 com sãia branca de cassa;
 um lenço de seda verde
 o lindo collo lhe abraça.
 Perto d'ella acha-se o Bento
 n'uma orgulhosa postura;
 no seu rosto se devisam
 signaes de grande ventura.
 É que a Maria, á quem elle
 jurou fé, amor, constancia,
 ao seu lado está e *pucha*
 a elle só quando dança.
 Conversam. Em que? que cousas
 um ao outro não dirá?
 —«Olha, Bento, em que paragem
 Corta-Matto parará?»—
 —«Não falles n'isso, Maria,
 tiras-me toda a alegria.
 Está preso, sei ao certo.
 Se elles—os brancos—lhe dérem
 a morte sôb o chicote,
 hei de vingal-o. Jurei!
 Façam lá o que quizerem;
 não se arrependam depois.
 Eu matando morrerêi.»—
 —«E o chefe?»—«Oh! esse, coitado!
 faz muita falta, pois não!
 tambem soffre as mesmas dores
 de Antonio n'uma prisão.
 Se hoje estamos dansando
 é por ser um grande dia;

quando não de luto todos
nós estávamos, Maria.»—

—«Callai-vos, meus irmãos, por um momento deixai a festa!»—Um brado retumbante de pasmo de alegria e de contento ouviu-se, e ao longe reboou distante. Corta-Matto (era elle) ali chegára d'este modo imprevisto e assim fallára.

—«Qu'è do chefe?»—«Escutai-me: elle está preso, e eu consegui chegar até aqui, para dar-vos as ordens e conselhos que á hora da partida recebi.»—

—«Como déste connosco?»—«Pelo rasto, que eu somente podia conhecer. Fugi da tropa branca, que de certo não saberá agora o que fazer.

Eu vinha acompanhado por dous guardas, diante dos brancos; ora me afastava da tropa, p'ra poder, como eu dizia, o caminho explorar por onde andava.

Conheci que vocês para este lado tinham vindo e então logo procurei encaminhar os brancos p'ra outra parte oppos. a esta, e assim o pratiquei.

Hoje, estando da tropa retirado, somente com um soldado atraz de mim,

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

abrindo uma *picada* com um facão,
qu'eu tinha requerido p'ra esse fim,

virei-me de repente para o guarda,
e enterrei-lhe no peito o meu facão;
nem um suspiro deu; inteiriçado
cahiu morto; eu ferira o coração.

Disparei na carreira não deixando
quasi signal algum por onde andei;
caminhei a correr mais de dez horas,
mas felizmente agora aqui cheguei.

Os brancos sem um guia, a muito custo
talvez possam comtudo aqui vir ter,
por isso preparai-vos p'ra partir
para outro lugar que eu escolher.

Eu aqui represento o nosso chefe,
cujas ordens mais tarde hei de vos dar.
Haja pressa, convem que essa partida
seja breve, convem não demorar.» —

D'ahi a poucos instantes
n'esse lugar não se achava
senão a tristonha casa
que abandonada ficava.

Partíra aquella turba, outros gaulezes,
que trabalhavam p'ra quebrar os ferros,

que os pulsos lhes cingiam; aquelles negros
ricos de fé, constancia e de vontade,
iam plantar em terras mais longinquas
da liberdade a fulgida semente.

Tinham razão; talvez que entre os jaguares,
entre as cobras enormes d'essas mattas,
mais brandura encontrassem que nos homens,
cujos labios de leve nem tremiam

ao murmurar:—«escravos!»—

Tinham razão, talvez que as feras brutas
chorassem, ao vêl-os todos se esforçando
para alcançar a sua liberdade:
talvez que as oiticias seculares
fossem mais compassivas do que os homens,
ao ouvirem suas queixas e lamentos.
Ao menos n'essas mattas inda virgens
não chegára o ruido das cadeias
que os escravos arrastam trabalhando;
não chegára o murmurio de seus prantos,
banhando a terra que p'ra outrem lavram.

Escravo! e pode um homem ser escravo?
Todos nós de um só pae filhos nascemos,
—de Deus, dispensador de eternas graças.
Com que título pois um homem a outro,
que é seu irmão da mesma natureza,
diz:—«tú és meu escravo?»—Oh! maldição
sobre o povo que ainda no seu seio
alimenta este crime tão nefando!

Podesse a minha voz, transpondo o espaço
reboar aos ouvidos dos senhores,

trazer-lhes a vergonha, a piedade
 ao coração; podessem as minhas frases
 remorder-lhes as frias consciencias
 pelo crime embotadas!...

Seja este nome—escravo—suprimido
 da lista dos vocabulos!

Lave-se a nodoa infame que marêa
 o refulgente nome do Brazil;
 e, se o sangue somente lavar pode
 essa mancha odienta e vergonhosa,
 venha o sangue, por Deus, venha a revolta!
 Calque-se aos pés o jugo espedaçado!
 e seja o hymno universal e santo
 por todas as nações cantado—um nome
 uma palavra só qu'em si resume
 o que ha de bello e justo:—LIBERDADE!—

Partíra pois o bando de calhambolas
 para firme esperar no posto de honra
 soar a hora, ha tanto desejada,
 em que elles quebrando os ferros todos
 se tornassem homens livres!

E essa hora solemne dista longe?
 —Talvez! A Deus pertencem esses mysterios.
 No entretanto as propheticas palavras
 de um moribundo, ás vezes, mil verdades
 encerram em si. Ouçamos pois o chefe
 que prestes á exhalar o ultimo alento
 se estorce na prisão.

Elle está 'li; olhai-o. N'aquella fronte escura,
 batida pelo sópro mortal da desventura,
 nem um signal distingue-se do genio seu d'outr'ora,
 nem um unico indício s'encherça n'ella agora.
 Os olhos espantados, immoveis, refulgentes
 parecem dois carvões accezos 'inda ardentes.
 Move os labios de leve, comsigo falla só,
 revolve-se na palha; meu Deus, vêl-o faz dô!
 Após as muitas magoas e dores que soffrêra,
 p'ra cumulo de males, coitado, enlouquecêra.
 Porem, meu Deus, que insania a d'elle foi então!
 Estando separado, sosinho em uma prisão,
 levou-o ao desespero aquella soledade:
 pensou no seu amor, na sua liberdade.
 Estas duas ideias chocaram-se na mente;
 um abysmo insondavel, profundo, eternamente
 o separava d'ellas. Tornou-se pouco e pouco
 tristonho e melancholico: um dia accordou louco!
 Não quiz desde esse dia comer. Horas perdidas
 levava a conversar sosinho, ás escondidas,
 baixinho, como se elle temesse ser ouvido
 aquelle seu monologo constante e repetido.

Na hora em que nós o vemos,
 quasi morto de fraqueza,
 solta vozes que, p'ra um louco,
 encerram muita clareza:
 — «Perdão, meu Deus, se esqueci-me
 do meu dever... oh! quem és?
 Vejo-te assim humilhada,
 aqui, deitada a meus pés?
 Vai-te, phantasma, não quero

peccar na hora da morte.

.....
 Ai, Deus, porque não me deste
 n'este mundo melhor sorte?

Ah!... são vocês, meus irmãos?
 que vindes aqui fazer?

Ide-vos todos
 que podem vos ver!...

Silencio! não façais bulha... silencio...

os brancos querem matar-me!

Eu morro, porem vós todos,
 espero, haveis de vingar-me!

Olhem... eu a vejo, alem... de branco
 vem vestida e sorri-se para mim!...
 traz correntes na mão despedaçadas,
 e um latego calcado aos pés... assim!...

Pois, irmãos, não a vèdes? Oh! coitados!
 só eu a posso olhar, pois vou morrer.
 Chegai-vos, meus irmãos, aqui bem perto;
 sou a hora extrema... eu os quero ver!

Tende esperança; essa virgem
 formosa e pura me diz
 que a hora da redempção
 da nossa raça infeliz
 não longe vem, que a tortura
 em breve se ha de acabar,
 que um futuro mais risonho
 para vós ha de chegar.
 Esperai, pois, a ventura!

Meu Deus, vós que sois bom, perdão vos peço,
m'inh'alma recebei na eternidade.

Escutai, meus irmãos, aquelle canto,
elle diz:—«liberdade... liberdade!...»—

E calou-se; e morreu. Pelas abobadas
da prisão—LIBERDADE—reboou!

A voz dos campos—LIBERDADE—disse,
e a matta—LIBERDADE—rosouu!

Recife—maio de 1869

D. PAES.

POEMA.

(A. DE MUSSET.)

A SEU AMIGO

BERNARDO ANTONIO MARTINS.

Offerece

O AUTOR.

DOM PAES.

Tenho sido feliz, se a soldadesca
e os sapadores seu formoso corpo
gozaram, eu nem se quer o conheci.

OTHELLO.

I

Meu peito nunca amou essas meninas
que affectam santidade, e nem de leve
erguem os olhos, e que pela creada
são seguidas, pisada por pisada,
como o *macho* é seguido do almoereve;
que maltratam os joelhos, seccam os labios
na oração; cujo rosto descorado
se assemelha ao do homem que descalço
piçou n'uma serpente;

ou então ao do moedeiro falso
no momento em que vai ser enforcado.

De certo estas mulheres com esta vida
nunca se abrasarão por paixões nobres,
teem o peito vazio de esperanças;
são pobres de affeição, de sangue pobres.

Porem, por minha vida, oh! eu vos juro
que estas com toda a sua hypocrisia
valem mais do que aquellas cujos peitos
aceitam um novo amor por cada dia.

Estas no baile aprazam as entrevistas

e estudam a arte

de occultar no manguito, ou em qualquer parte

um bilhete amoroso, e de uma fita

enlaçar da cintura em deredor,

para que as formas vejam-se melhor;

de uma escada de seda delicada

amarrar no terrasso ou na jenella

e seguir o confuso laberintho

d'esses ternos amores

nascidos n'uma noite e findos n'ella.

Comtudo são formosas; os seus peitos

se inflammam por um cão, por um bigode,

uma *walsa* ou um cartucho de confeitos.

Mas o que é triste e deve lamentar-se

é se ver em seus laços enredar-se

um mancebo de nobre coração.

Melhor seria arder pela paixão

de querer dar a vida entre seus braços,

a uma estatua de marmore com abraços,
 ou então tomar louco, delirante,
 uma loba faminta por amante.
 O que agora avancei eu vou provar,
 e sem prologo eu entro na materia.
 Ouvi o facto, eu vou principiar.

Se estivesseis, leitor, na terça-feira
 na praça San'Bernardo em pasmaccira
 em frente a gelosia illuminada
 de uma linda janella emmoldurada,
 com cortinas de seda carmezim,
 e, levado por intenção ruim,
 enfiásseis o olhar, leitor amigo,
 pelas taboinhas verdes do postigo;
 terieis visto um quarto alcatifado,
 resplendente de luz e perfumado,
 marmores tapetes e crystaes
 vasos, flores, aromas e os signaes
 de uma ceia: garrafas desrollhadas
 e restos de iguarias delicadas;
 lançada ao chão uma guitarra linda,
 cujas cordas estremeciam ainda,
 qual de leve estremece e se embalança
 da dama o seio após a contradansa.

Dormia tudo em torno.
 Alem nos céos a lua
 se levantava esplêndida
 com limpido clarão,
 e pela ogiva gothica
 entiando a face nua

se misturava languida
com as luzes do salão.

No canto mais escuro
do quarto luxuoso
se erguia um leito de ambar
e páo-rosa incrustado;
e do colchão de purpura
verieis, descuidoso
pender de alvura nítida
um pé nu, delicado.

De certo a Hespanha é grande e as hespanholas
são todas bellas;

eu aposto porem que todas ellas
e quem visse de perto aquella *alvura*
medir desejariam o comprimento
d'aquelle pé, d'aquelle miniatura,
Tão pequeno, um menino o fecharia
na mãosinha, e pousado no setim;
visto ao longe, ninguem distinguiria
ser um pé ou uma folha de jasmim.
Que! leitor, isto não vos causa abalo?

a mulher de quem eu fallo
era d'essas bellezas de encantar—
—belleza que não pode se pintar.
Sobrancelhas retintas mãos nevadas,
seio languido a arfar, linda a cabeça;
e quanto á pequenez de seu pésinho—
era andaluza, enfim, era condessa.

E os cortinados nítidos

tremendó em torno d'ella
 mostravam-n'a tão pallida,
 desfallecida, bella,
 n'um espasmo de gozo delirante,
 seio com seio unida ao seu amante.

O olhar era tão humido,
 e os torneados braços
 a pouco 'inda tão válidos
 tremiam de cansaço.
 Ella era bella, e tudo que a cercava
 amor, gôzo, volupia respirava.

As suas madeixas d'ébano
 cahiam perfumosas
 por sobre os seios turgidos
 em voltas capriciosas.
 E os mil traços de fogo que se viam
 sobre seu corpo, a purpurina face,
 os labios seccos qu'inda estremeciam
 n'um beijo ardente, fervido fugace,
 do seio a ondulação descompassada
 de certo affirmariam
 a loucura da noite ali passada.

Junto d'ella o amante se vergava,
 sobre a bocca gentil, prompto a beijal-a
 e se elle soluçava, os labios d'ella
 iam sempre ligeiros procural-o.

Assim passava o tempo. A aurora bella
 a furto entrava já pela janella.

De um convento o relógio lentamente estremeceu. O moço de repente agarrou em sua capa, em sua espada, e vendo a amante em lagrimas banhada, disse:

—«Meu anjo, um beijo em despedida.»—

—«Ai! tão cedo, meu Deus, já de partida?»—

—«Do meio dia á primeira badalada amanhã virei ver-te, minha amada.»—

—«Dom Paes, é bem feliz, de certo é linda essa por quem me deixais tão cedo ainda.»—

—«Tu és tão máo, meu anjo, quanto és bello, esta noite me aguardam no castello, é o meu domicilio.»—«Por que então

tão cedo o procurais? Porque razão?

Porque jura infernal estais ligado?»

—«É preciso partir. Teu pé rosado consente-me beijar, minha formosa.»—

—«Mas reparai que um leito de páo-rosa, uma amante, uma alcova bem fechada, perfumosa, e além d'isto... só... mais nada... tudo isto parece que não é

preferido por vós a uma guarita no canto de uma escura chaminé?»—

—«Vamos, um beijo n'estes hombros bellos, minha fada gentil, estes cabellos

como estão penteados!»—«Que vilão

que sois!»—«Façamos paz, meu coração.

Não fiques arrufada. Si quizeres

um passeio amanhã... vamos, não queres?»—

—«Não, minha egoa ingleza está doente.»—

—«Adeus, pois dou ao diabo de presente

a tua egoa.»—«Ah! Dom Paes, ah! meu amor!
 ficai ainda um momento por favor!...—

—«Queres então commigo disputar?

Ah! minha bella, eu vou despen-tear
 tambem os teus cabellos, e enredal-os
 que amanhã todo o dia em penteal-os
 gastarás.»—«Ide-vos, pois, sois um vilão.

—«Adeus, meu anjo, adeus, meu coração.»—

Envolveu-se no capote
 depois sahiu apressado.
 'Stava ainda a noite escura,
 fresco o vento e socegado.
 Dobrou a rua e o ruído
 de suas esporas douradas
 foi aos poucos se perdendo
 co'o écho de suas pisadas.

Na estação de força e de verdura,
 em que a mocidade alegre de ventura,
 qual arvore gigante, tudo ensombra,
 a planície, o caminho, a verde alfombra;
 feliz aquelle que o pescoço afaga
 d'um formoso ginete, ou s'embriaga
 (ao contacto do collo palpitante
 d'uma gentil, lasciva e doida amante)
 co'o aroma que subtil, doce s'exhala
 do seio que estremece e que se abala.

D. Paes agora está na fortaleza;
a espada sob o braço, com presteza
encostado ás ameias vai passando,
parece um ponto negro; caminhando,
fuma um cigarro, e ao ruído das trombetas
responde ao «*quem vem lá?*», que das vedetas
de momento a momento vai ouvindo.
e cujo écho vai além repercutindo.
Perto d'elle, no chão, alguns soldados
dormem nos seus capotes embuçados;
outros jogam. As loucas narrações,
os mil contos de amor, nos cangirões
o vinho que referve enrubescido,
não faltam ali. Depois de ter bebido,
emquanto um improvisa um'aventura
sobre alguma galharda formosura,
outro canta na mesa recostado

á meia voz. Examinando o dado
 este morde o bigode espesso e escuro
 á cada lance mão ou mal seguro;
 aquelle, endireitando a extremidade
 de seu penacho, sua loquacidade
 desenvolve; este outro, retorcendo
 a sua barba que em ponta vai mordendo,
 enche o copo com braço vaccillante
 de vinho rubro, tepido, espumante,
 e, borracho como um cantor d'igreja,
 rapido o copo inteiro ali despeja.
 A cada murro á cada uma punhada,
 treme na mesa a vela enfumaçada.
 Eis que no meio d'aquella vozeria,
 entre os—*bravos*—d'aquella louca orgia,
 um d'elles disse:

—«Sois do rei, senhores,
 voluntarios, valentes defensores!
 Pois bem, em alto som declaro agora
 ser traidor, miseravel quem n'est'hora
 não declarar que n'este vil paiz
 (desde a patria do Cid até Cadiz),
 a mão mais pequenina e mais bonita
 é de certo a de dona Senhorita
 Caralles, de Sevilha a mais galante,
 no dizer da cidade minha amante.»--

Apenas estas palavras
 ali foram proferidas,
 levantou-se n'um momento
 um tremendo desconcerto,
 que fez tremer as paredes

e as vidraças d'um convento
que d'ali ficava perto.

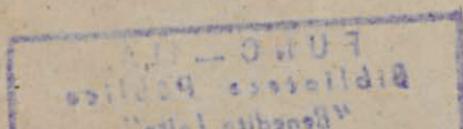
Não houve um só d'entre elles
que de ser heroe deixasse
d'uma aventura amorosa,
ou então que não gabasse
alguma dama formosa.
Este gabava os cabellos,
aquelle o rosto moreno,
est'outro os olhos tão bellos,
outro alem o pé pequeno.
E Dom Paes, em pé, comtudo,
callado se conservava;
um sorriso de ventura
sobre seu labio adejava;
de prazer inebriado
via, com os olhos fechados,
sua linda amante passar,
face branca de açucena,
um raio de luz serena
no lascivo e negro olhar.

— «Senhores, exclamou com voz sonora
um grossó barba-russa, até agora
'inda não encontrei pelle tão fina
como a da minha amante a linda *nina*
Ignezilla» — «Oh! senhor, se levantando
disse um outro os sobr'olhos encrespando,
não conheceis de certo a minha bella,
morenita gentil, minh'Arabella.» —
— «Eu não posso, disse outro por sua vez,

FUNG — I. I. A.
Biblioteca Pública
"Benedito Leite"

citar alguma porque tenho tres.»—
 —«Irmãos, gritou de longe um aloirado
 e galante dragão, fui despertado
 por vós, com minha bella então sonhava,
 quando ali sobre o feno dormitava.»—
 —«Dize lá, meu sultão, quem seja ella?»—
 Ainda bocejando:—«A minha bella?
 disse elle, 'é na praça San'Bernardo.
 a condessa Joanna, a linda Orvado.»—

Dom Paes ouviu, e louco, delirante
 mordeu os labios seus, febricitante.
 —«De dizer quatro phrases imprudentes
 acabaste, e eu digo-te que mentes.
 Da condessa o amante podes ver,
 elle é um só, se o queres conhecer.»—
 —«De nós um na verdade que se engana,
 ella pertence-me a condessa Joanna.»—
 —«A tí? (disse Dom Paes): acaso a espada
 será por tuas mãos bem manejada,
 ou para isso, mancebo sem juizo,
 —que te peçam talvez seja preciso?
 Ella é tua, disseste, 'inda ignoras,
 Dom Etur, qu'eu segui-a muitas horas
 durante quatro annos como um cão?
 E isto qu'eu fiz acaso em tua razão
 pensarias que agora se apagasse
 pela audacia estampada na tua face?»
 Quando eu ainda sangro, e d'esta dôr
 minha fronte conserva 'inda o pallôr?—
 —«Ignoro; somente o que eu bem sei
 é que custou-me ella, isto é, gastei,



uns tresentos cruzados nos amores,
 com serenatas e *bouquets* e flores.»—
 —«Irmão, és joven e facil em mentir.»—
 —«A mão é joven ainda e de sentir
 a sua rudeza é facil.»—«Pois eu quero
 sentil-a, e que não falles mais espero;
 e se abrires o labio este punhal
 irá tapar-te a bocca, desleal,
 para as traições do inferno, ir enterrar
 que por ella quizerem atravessar.»—
 Pois não? quem falla agora com arrogancia
 na falta de direito a sua constancia
 quer provar. Em que dia e em que hora
 vimos a bella? Á noite que passou?»—
 —«Não, porem ao romper da ultima aurora»—
 —«Os teus labios a marca não perderam
 dos beijos que de certo receberam. . .»
 —«Agora na tua face, se o desejas
 vou cuspir-os para que melhor o vejas. . .»—
 —«E isto, disse Etur, conheces tu?»—
 E mostrou n'este instante o peito nú.

Dom Paes sobre esse peito viu pendente
 uma negra madeixa reluzente
 n'uma medalha de marfim nevado.
 Logo que seu olhar prompto, apressado
 como uma flecha aquillo divisou,
 de um salto raivoso recuou,
 qual salta o feroz touro que ferido
 foi na arena e se sente já vencido.

—«Mancebo, exclamou Dom Paes,

tens tu em lugar qualquer,
 uma mãe, uma família
 que te estimem, uma mulher?
 Crês em Deus? Jura por elle,
 por tua mulher extremosa,
 por aquillo que mais temes,
 por essa mãe carinhosa,
 p'la candura de tu'alma
 (si acaso pura ella é),
 pelo muito que teu peito
 tiver de franqueza e fé;
 jura-me que esses cabellos
 são só teus, teus tão somente;
 que não roubaste-os a ella,
 qu'ella t'os deu de presente,
 que os não achaste e qu'emquanto
 ella terna orava aos céos
 sem sentir tu não os cortaste?
 Jura, depressa, por Deus!» —

— «Juro, o moço exclamou sem hesitação,
 por meu cachimbo e meu punhal que não!» —

— «Bem, replicou Dom Paes levando-o ao lado,
 vem cá, sei qu'és valente e qu'és ousado,
 atrevido, enfim tudo podes ser,
 mas poderás matar uma mulher?» —

— «Posso, disse elle, dar o pagamento
 a quem fizer mentido juramento.» —

— «É preciso, tu sabes, que um de nós
 morra do outro ás mãos; juremos, pois,
 que aquelle que estiver em uma hora
 vivo, e que avistar a luz da aurora,
 amanhã matará Joanna d'Orvado!...» —

— «Tópo! disse o dragão, está jurado!
e possa ella morrer como de certo
ella faz um homem ver a morte perto.» —

E sem dizer mais nada
desembainhou a espada.

Bem como no estio, nos campos desertos,
do chão revolvendo as folhas minadas,
duas lobas se encontram, se encaram, se medem
os dentes amostram rugindo enraivadas.

Sedentas de sangue no entanto ellas rodam
em torno uma d'outra o ataque esperando;
seus magros focinhos velozes procuram-se,
odores de sangue, de carne aspirando;

Assim os dois moços se encaram sombrios,
vergados, pendidos por sobre a muralha;
o ferro volvendo ligeiro, brilhante,
clarões homicidas horriveis espalha.

Emquanto á luz dos archotes
todos fallam de suas sortes
elles mudos anhelantes
caminhando para a morte,
(semelhando a pescadores
curvados na ribanceira)
cegos lançam-se ao ataque!
Salta o insulto de seus labios
procurando-os excitar;
roda a espada ligeira
prompta sempre a novo golpe

co'outro golpe replicar!
Dom Etur tem mais viveza,
mas Dom Paes tem mais firmeza.

Assim como a ave maninha
sob as asas se agasalha,
assim Dom Paes se resguarda
sob sua espada. A muralha
lhe serve de pedestal:
dir-se-hia certamente
ao ver tão firme Dom Paes,
entre aquellas pedras gothicas
ser uma pedra de mais,
e a qual a luz das fogueiras
illumina vacillante
dando-lhe formas bisarras,
imagens extravagantes.

Dom Paes espera. Dom Etur
rugindo ligeiro salta,
como o jaguar carniceiro
ruge alem no meio da matta;
outras vezes acalmado
elle zomba do rival
como que para excital-o
a deixar seu pedestal.

Foi longa a luta, tremenda!
mais de um golpe foi perdido,
por um bem dado logo outro
vinha melhor dirigido.
As couraças gottejantes

de suor deixavam ver
 que debaixo de suas armas,
 dos seus peitos valorosos
 'stava o sangue a correr!

Vendo Dom Paes que a sorte do combate
 incerta se tornava entre os debates,
 —«Á ti, (disse) e o Senhor em sua morada
 te receba.»—E atirou-lhe uma estocada
 forte, é verdade, mas dada mal,
 pois se o golpe attingisse a seu rival
 poderia sem duvida matal-o.
 Dom Etur teve tempo, e em mil pedaços
 foi quebrar-se a espada sobre o solo.
 Então elles se uniram braço a braço,
 peito unido com o peito do inimigo
 como se abraça o corpo de um amigo.

A scena era terrivel,
 o esforço inexprimivel
 com que elles se apertavam:
 era tal que de certo se diria
 que ambos n'aquelle abraço se finavam!

Os corações valentes
 só tinham uma pancada
 oppressa, suffocada
 no pequenino espaço
 que havia entre seus corpos n'esse abraço!

Abraço horrivel! onde os dois rivaes
 somente desejavam viver mais

para poderem tomar um'outra vida!
 onde, morrendo, a vista esmorecida
 um ao outro lançava para ver
 se gemendo fazia o outro gemer;
 e para acharem o caminho mais direito
 dos corações, unidos peito a peito,
 suas mãos pareciam
 ser de ferro; e raivosos se mordiam!

Abraço horrivel! Ao mais moço em sorte
 coube tocar a prematura morte;
 elle tornou-se pallido n'um instante,
 e dir-se-hia não ser cousa possível
 tirar aquelle corpo já sem vida
 dos braços do homicida.
 Tal era o esforço d'esse abraço horrivel.

Foi assim
 que Etur de Guadassé teve seu fim

Oh, tu! que francamente te ligas á lascivia
 flagello d'este mundo, horrivel, louco amor,
 enquanto que por laços mais fortes mais robustos
 tu te ligas á dor:
 se um dia os olhares d'uma mulher formosa,
 sem fé, sem coração, fizerem-me abraçar,
 bem como de uma chaga arranca-se o punhal,
 de meu peito, oh, amor! eu hei de te arrancar,
 embora depois d'isso eu haja de morrer.
 Vale a morte melhor do que como um covarde
 ouvirem-me gemer.

III

Conhecereis acaso em uma rua deserta
uma casa sem porta e meia descoberta,
miseravel, tristonha? está na visinhança
das barreiras. Somente sentada ali no chão
uma pobre creança
vê-se sempre a bater um magro e velho cão.

E as trapeiras sem vidraças,
e os caxilhos vaccillantes
tremem como das aranhas
tremem as teias fluctuantes;
as paredes derocadas
onde ao-sol por um momento
vem um lagarto aquecer-se;
depois—nenhum movimento.
Como vê-se muitas vezes

junto á borda das *marneiras*
 á tardinha acoradas
 essas velhas fiandeiras,
 que, o fuso com mão callosa
 agitando enfraquecidas,
 firmam o queixo nos joelhos
 do fio e roca esquecidas,
 assim dir-se-hia de certo
 que aquella casa causada,
 pela idade vergonhosa,
 á cahir arruinada,
 foi uma tarde assentar-se
 na beira d'aquella estrada.

Para essa casa no seguinte dia
 de manhã, Dom Paes se dirigia.

Chegou á porta; subiu
 aquellas velhas escadas;
 nascia o musgo nas fendas
 d'aquellas pedras quebradas.
 Em um quarto escuro e baixo,
 depois que entron,
 receioso olhou em roda,
 nem um traste ali achou.
 Uma fetida fumaça
 que a mansarda toda enchia
 era o unico signal
 de que ali alguém vivia.
 Aqui dois grandes bahús,
 tamboretas deslocados,
 potes de limo cobertos,

vestidos esfarrapados;
 Na chaminé onde á noite
 e de dia os grilos chiam,
 quatro retratos horrendos
 dependurados se viam,
 retratos que a Satanaz
 do inferno fugir fariam.

—«'Stás em casa, mulher?»—disse Dom Paes,
 e levantou o braço p'ra afastar
 um antigo tapete que na porta
 se via esburacado tremular.

—«Entra»—respondeu-lhe amedrontada
 uma voz.

Sobre um leito miseravel
 jazia uma mulher
 descalça, e os farrapos que a cobriam
 deixavam em parte emagrecido, sordido
 o corpo apparecer.

Causava horror, causava piedade
 o ver-se essa mulher que aos vinte annos
 talvez fosse formosa!
 Rosa que um sol ardente abraza e queima,
 um outomno á quimára e—desbotada
 sem côr ficára a rosa!

Tão trigueira é a côr da face sua
 que os cabellos parecem descorados
 junto a fronte queimada.
 Era cigana, filha da alegria,

da nossa sociedade tambem filha,
porém filha bastarda.

Talvez que outr'ora a visseis revestida
de seda roçagante, e toda a gente
corria para vel-a;
quando passava rapida a Belisa
na sua mula hespanhola galopando,
e então ella era bella.

Tudo era para para ella seda e flores,
boleros, mascaradas. A miseria
com ella hoje se abraça.

A casa é triste e mal frequentada,
os alcaides o sabem, e compassivos
deixam-n'a ali morrer. Ella ali passa
exercendo uma industria vergonhosa.
Dizem ser de Madrid a feiticeira,
e as mulheres perdidas,
a gente baixa e sordida do povo
vão ali, sem licença dos alcaides,
visita-a de noite ás escondidas.

Dom Paes no entanto a vista d'ella
receioso hesitava. Ella estendeu-lhe
os descarnados braços,
para unil-o ao seu côlo descoberto
que ainda sedento levantava-se
para um ultimo abraço.

—«Quatro palavras somente,
velha. Acaso me conheces?»

Toma esta bolsa, de ti
 não se quer ouvir mentiras,
 nem de contos se carece.»—
 Ouro? oh, lá! meu cavalheiro!
 sei quaes são os teus desejos;
 alguma filha da França,
 cabellos louros dourados,
 bocca sedenta de beijos?

Sei d'uma, talvez te sirva.»—
 —«Te enganas, não quero-a, não.
 Eu só tenho amor agora
 ao odio que se revolve
 dentro do meu coração.»—

—«Teu odio?... agora percebo.
 Alguma traição... A bella
 morenita, tua amante
 enganou-te certamente?
 queres veneno p'ra ella?»—

—«Veneno? sim, eu quizera,
 mas o golpe de um punhal
 é, eu creio, mais seguro,
 mais profundo e mais mortal.»—

—«Tens a mão fraca, meu filho,
 pode teu golpe falhar,
 e o meu veneno, eu te juro,
 nunca deixou de matar.
 Olha, como elle é lindo,
 côr de ferro incandescente!

Dá desejos de proval-o,
parece ser agoardente.»—

—«Não. Eu não quero vel-a envenenada
morrer; é muito longo o soffrimento.
Talvez fosse preciso ao lado d'ella
ficar até o ultimo momento;
e... quem sabe? apressar-lhe a morte. Não.
Teu veneno é uma arma de traição;
é um gato que mata torturando
um ratinho. Uma morte tão terrivel,
soluços, estertores da agonia;
e o apparatus?... não quero, é mui terrivel.
A mais bella d'entre todas as mulheres
morrerá de um só golpe.»—

—«Então, que queres?»—

—«Escuta: ter-se-ha razão
em crer como verdadeira
de um philtro na alta virtude?»—

—«Vês sobre essa prateleira
um vidro de côr escura
onde uma rama se embebe?
Aproxima-o de teus labios
e um pouco do philtro bebe,
e verás se com razão
as virtudes decantadas
são verdadeiras ou não.»—

—«Dá-me esse vidro. Vou mostrar-te agora
minh'alma e os sentimentos que se aninham
dentro em meu coração.

Tu sabes, eu adoro essa mulher,
e é grande, inextinguível esta chamma,
esta minha paixão.

Uma vinha plantada, ha cinco annos,
n'um rochedo, resistê, é bem verdade,
á quem quer arrancal-a;

pois bem, esta paixão tão insensata
resiste assim, Belisa, ella me mata,
e de meu peito a morte tão somente
é quem pode tiral-a.

Apezar d'isto é preciso
qu'eu a fira. Oh! é tão bella!
e tenho medo, confesso,
d'estremecer junto d'ella.»—

—«É tão pequeno assim teu coração?»—

—«Eu quero que ella morra me abraçando»—

—«Escuta então:

Stás seguro de ti, do teu valor?
e sabes quanto custa
beber este licor?

—«Bebendo-o morrerêi?»—

—«Ficarás a principio embriagado,
sentirás tuas ideias vacillantes
e o peito suffocado;

Depois até ao fundo da medulla
um extremo langor has de sentir;
e terás a cabeça tão pesada
que julgarás a cada instante vê-la
sobre a terra cahir.

Os olhos ficarão amortecidos,

emfim adormecerás,
 porêm com um somno de chumbo,
 immovel. Não sonharás.
 É n'este momento
 que finda o encantamento.
 Quando elle houver cessado,
 meu filho, e que estiveres
 do que um velho mais fraco e alquebrado,
 ou do que nas florestas os abetos
 seccos, apodrecidos
 para os fossos pelos ventos impellidos,
 sentirás em teu peito o coração
 saltar voluptuoso, delirante,
 e um côro de anjos a teu lado
 um cantico entoar lindo, brilhante.»—

—«Soffre-se muito p'ra morrer depois?—

—«Sim, meu filho, é mui grande o soffrimento.»—

—«Dá-me esse vidro. É rapido o soffrer
 até chegar a morte?»—«Não, é lento.»—

—«Adeus, Belisa.»—e esgotou o vidro,
 que collocou vasio no balcão;
 depois cahiu immovel de repente
 inerte sobre o chão,
 como no campo horrivel da batalha
 cahe o soldado ferido p'la metralha.

—«Oh, vem! disse Belisa o abraçando,
 em meus braços vem hoje adormecer,
 e amanhã, cavalleiro vingativo,
 virás n'elles morrer.»—

IV

Como ella é bella á noite aos raios bellos
da lua que vagueia pelo céo,
penteando os gentis negros cabélllos
que cáem em ondas pelo collo seu!

Sob a trança retinta e luzidia
do cabelo brilhante e assetinado,
uma joyen guerreira parecia
de negro capacete avelludado.

De sen véo de cambraia as ondas soltas
que tão nevadas e tão brancas são,
desdobradas se encurvam em largas voltas.
beijando as pedras e lambendo o chão.

Como ella é bella e nobre! e como a esp'rança
de uma noite febril, de puro gôzo

faz sob seu collar tremer com ancia
o collo descoberto e perfumoso!

Ella escuta a esperar. Como uma cobra,
mil phantasmas bisarros evocando,
a noite o seu véo negro já desdobra,
em redor dos zimbórios se espalhando.

Madrid, ouvindo o languido ruido
dós guizos de seus machos, indolente,
vê passar sobre o rio adormecido
as faluas vogando mansamentê.

Crer-se-hia que fecunda
em rumores abafados
a cidade transformou-se
de fadas em palacios encantados;

e que todas essas pedras
arrendando os campanarios
são no cimo dos telhados,
como fogos azues, fatuos e varios.

A *senora* distrahida
collando a face mimosa
na vidraça enegrecida
de sua janella verde, espera anciosa.

Estremece a cada instante
que o écho das galerias
repete o surdo ruido
de um passo na comprida escadaria.

Oh! como da mulher o coração
n'este instante palpita,
e como o pé de fada impaciente
ancioso se agita;
quando a unica ideia em que su'alma
delirante se abysma,
se afasta e se aproxima sem cessar,
e como após a scisma
faz ante seu desejo a linda imagem
incessante recuar,
como a vaga que bate a areia
difficil de empolgar.
É então que a lembrança dos prazeres
do almejado momento,
a esperança de ser feliz no gôzo
se tornam um sofrimento.

E o olhar não sendo mais do que um abysmo
um barathro brilhante
é igual áquelle em que desceu em sombras
Alighieri Dante.

Silencio! não vêdes vós
ao longo da balaustrada
voltejar uma lanterna
subindo até o patamar da escada?
Param; apagam a lanterna; um passo rapido
refine na calçada,

e a dama pensativa se desperta
com o écho das pisadas.

—«Abre a porta, Ignez, depressa !
Não vês tu n'este momento
que por baixo do postigo
passa um manto pardacento ?
Não vês sob as galerias
caminhar um homem armado ?
É elle, é Dom Paes. Boa noite.
Salve, meu bem adorado!»—

—«Salve! Guarde-vos Deus! —«Qu'è isto, Dom Paes?
Estou feia, ou estais vós tão cansado
que não vindes, como é vosso costume
me abraçar?»—«Eu estou embriagado,

bebi muita agoardente; hoje não posso.»—

—«Que tendes, meu amor, porque fechais
a porta? tendes medo qu'eu me escape
dos vossos braços, meu amado Paes?»—

—«É mais facil, Joanna, entrar aqui
do que sahir.»—«Perdestes o juizo?
Estás pallido. Oh! céos!... dizei depressa
o que tendes... Meu Deus, que olhar, que riso!»—

—«Caminhando, inda ha pouco meditava
que uma mulher que trahe o seu amante
deve ter uma alma bem mesquinha.»—
—«Sonhastes, creio eu.»—«E extravagante

foi meu sonho. Seguindo, pois a historia
 eu dizia: esta dama certamente
 ha de se equivocar com seus amantes.
 Eis o que eu resolvia em minha mente.

—«Esqueceis o lugar em que estamos?»—
 —«É peccado mortal ao mesmo tempo,
 condessa, amar dois homens, pois não é?»—
 —«Oh! lembrai-vos que a mim n'este momento
 vós fallais.»—«Lembro bem, condessa Joanna,
 por minha fé!»—

—«Meu Deus que loucura estranha
 passou por esta cabeça?
 Meu bem amado, meu anjo,
 dize o que sentes, depressa.
 Sou eu, tua Joanna querida,
 não conheces este nome?
 que ardendo em chamma amorosa
 (que tambem a mim consome)
 tu dizias em meus braços
 n'esses espasmos d'amor?
 e os juramentos infindos,
 nossos amores tão lindos,
 cheios de tanto langor;
 nossas noites, noites bellas,
 que encantadas insomnias,
 nosso pranto, nossos gritos
 nas tão loucas agonias,
 nossos beijos longos... longos...
 n'esses combates divinos,
 n'esses divinos amores,

não lembrás mais
Dom Paes?

E quando assim fallava
sua branca mão de repente
foi por acaso tocar
do moço na mão pendente
Vel-o-hieis despertado
ficar pallido, recuar,
como o menino assustado
que acaba de se queimar.

—«Assim quizeste, disse elle,
condessa Joanna d'Orvado,» —
E os labios mudos ficaram,
e o quarto ficou callado.

.....

Sobre o leito luxuoso
elles já se revolviam
e de envolta com o ruído
que seus beijos produziam,
alguns soluços quebrados,
vindos do peito se ouviam.

Oh! como elles se engolpharam
n'aquelle amor tão profundo
esquecidos d'esta vida
e das cousas d'este mundo!

É assim que o pescador,
do mar nas brancas espumas,
esquece a terra e admira
do céu as candidas brumas.

Porem, ouvi! Silencio!...
Nos seios que se apertam
brillhou um raio funebre.
Que gritos de agonia
são estes que despertam
os echos d'essa camara
que após muda ficou?
Quem foi que os surpreendeu?
Quem foi que os perturbou?

Porque pois o relampago
brillhou n'esse momento?
Porque o brado estridulo
e o languido lamento?

Ninguem de certo o sabe!
Sob uma nuvem escura
roubou a lua candida
sua luz tão branca e pura.

A noite escura e tetrica
foi quem presenciou
a scena que terrivel
no leito se passou.

E a noite é muda e frigida,
e guarda os seus mysterios,

e a ninguém dirá
o que passou-se ali.
Quem pois o saberá?

Quanto a mim, julgo bem que as epultura
é um asylo seguro onde a esperança
vai morta descansar;
onde para a Eternidade sobre o peito
cruzam-se os braços; onde os adormidos
não mais podem acordar.

Recife—setembro—1868.

BIBLIOTECA PÚBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

A GOTTA D'AGUA.

(Laehambeaudie.)

Ao longe no horizonte bramava a tempestade
com horrído estridor;
eis que uma gotta d'agua despenha-se das nuvens
no pélagó em furor.

«Ai, destino! Eis-me aqui (dizia a pobresinha)
«inutil, ai de mim!

«bem como o grão d'areia do callido Sahara
«no deserto sem fim.

«Ai! quando eu voltejava do vento sobre as asas
«nos ares balouçando,
«julgava ter aqui futuro mais formoso,
«ter um leito mais brandó.

«Sinhára recostar-me da linda borboleta
 «nas asas cambiantes,
 «ou então rebrilhar da relva esmeraldina
 «nas folhinhas brilhantes.»

E ainda se queixava, uma concha entr'abrindo-se
 recebeu-a e fechou-se.

E aquella qu'inda ha pouco seu fado maldizia
 em perola tornou-se.

E livre das prisões, por mão habil, segura
 do destro pescador,
 viram-n'a brilhar na c'roa poderosa
 de um grande imperador.

Oh! tu, virgem sem nome, do proletario filha,
 tu, que aqui sobre a terra tiveste por partilha
 um trabalho incessante;
 coragem! que do mundo nas ondas revoltosas,
 bem como a gotta d'agua, entre as per'las preciosas
 serás a mais brilhante.

Maranhão—12—fevereiro—1867.

BIBLIOTHECA PUBLICA
 do
 ESTADO DO MARANHÃO

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

A FOLHA.

(Vicent Arnauld.)

Do fraco hastil despegada
pobre folhinha mirrada
onde vais?—Não sei. O vento
quebrou, passando, o carvalho
qu'era meu unico alento.
Com seu voluvel soprar
o zephyro e o aquilão
têm-me feito doidejar,
da matta para a campina,
do monte á verde collina.
Vou onde conduz-me o vento,
sem de nada me assustar,
e da rosa as folhas bellas
onde forem—eu com ellas
irei tambem me ajuntar.

Maranhão—1867.

BIBLIOTECA
do
ESTADO DO MARANHÃO

A MINHA CASACA.

EPISTOLA.

(Sedaine.)

Oh lá! minha casaca,
agora te agradeço.
Hontem, graças á ti, ao teu feitiço
fui tido em outro preço;
e agora eu me aprecio,
agora me conheço:
e parece-me até que o alfaiate
(lá por magia d'elle só sabida)
occultou em tuas dobras,
quando foste cosida,

um talisman qualquer,
 um *si'no Sa'mão*,
 capaz de enfeitiçar e de prender
 cabeça e coração.
 No numeroso círculo
 de illustre ajuntamento
 quantas honras me deram, que zumbaias,
 que bello acolhimento !

Junto á dona da casa, recostado
 n'uma fôfa poltrona de velludo,
 fui o fóco de todos os olhares:
 tive *jus* a fallar, fallei de tudo.
 Uma dama de folhos no vestido
 consultou-me um instante
 sobre o aspecto que tinha o seu semblante.
 Sobre o emprego de um termo muito usado
 fui por um *dandy* logo interrogado.

Um sujeito de becca
 pediu qu'eu dêsse a minha opinião
 sobre uns dramas de muita aceitação.
 A minha decisão foi o *non-plus-ultra*,
 fui por todos da sala palmeado !

Eu estava inspirado !
 Oh lá! minha casaca,
 de novo te agradeço !

Foi por ti que me deram tanto apreço
 e tantos cumprimentos.
 Um casquilho adamado
 me agarrou pela góla,
 e para me explicar os sentimentos
 qu'elle tinha por mim,
 em um discurso extenso e empollado

recitou-me o *Angola*
 desde a primeira folha até o fim.
 Um marquez, meu amigo de collegio,
 reconheceu-me emfim,
 e do primeiro olhar;
 e depois, como grande privilegio,
 concedeu-me a honra de o abraçar!
 E aquillo que a amizade,
 que no tempo do estudo nos ligou,
 aquillo que nem minha probidade,
 nem meus costumes que jamais no mundo
 cousa alguma mudou,
 puderam alcançar,
 tu só, minha casaca,
 pudeste facilmente grangear.
 Oh! ainda uma vez, minha casaca,
 de novo te agradeço!
 Foi por ti que me deram tal apreço.
 Mas a minha surpresa é mais extrema
 por perceber agora
 que o magico feitiço
 fez milagre em mim mesmo, pois outr'ora
 entrava n'uma sala, ou em qualquer parte
 com um ar muito acanhado,
 e acanhada maneira;
 depois suspenso á borda da cadeira
 escutava calado,
 a ver se poderia na conversa
 qualquer cousa dizer, dar um aparte.
 Commigo todos 'stavam sempre a commodo,
 enquanto qu'eu co'os mais, acontecia
 justamente o contrario.

Um nada bastaria
 p'ra fazer-me calar.
 Qualquer simples olhar
 p'ra mim era fatal.

Eu fallava somente o necessario
 p'ra responder ao que me perguntavam;
 e assim mesmo era baixo e sempre mal.

Qualquer provinciano
 por mais tolo que fosse, mais tapado
 do qu'eu n'esse momento
 não se veria mais incommodado.

Se acaso eu desejava me assoar
 mettia o nariz dentro da algibeira;
 se queria espirrar
 a cara toda com o chapéo cobria.

Podiam-me privar,
 sem ás regras faltar da cortezia,
 da venia costumeira,
 que a moda introduzira;
 e o espirro abafado
 não custava senão uma mesura
 á alguem que, enganado pela bulha
 se voltasse apressado.

Porêm agora, oh lá! minha casaca
 tudo em mim é bonito.

Os meus modos são outros. O *Bom-Tom*
 é o meu favorito,

Oh! ainda eu te agradeço

Ês tu minha casaca
 quem faz qu'eu seja tido em tanto apreço.

Vianna—março—1868.

BIBLIOTECA PÚBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

OPHELIA.

(H. Muger.)

Sobre um leito de areia entre os caniços
murmura a onda azul, fria, indolente.
Como toda a mulher,—louca—a menina
se debruça sobre a agua transparente.

Emquanto sobre as aguas ella mira
a face descorada e acha-se bella,
avista a fluctuar sobre a corrente
uma florinha branca e amarella.

Apanha-a e depois prende-a nas tranças.
Como toda a mulher,—louca—a menina
vai ainda mirar a face pallida
na trépida ribeira crystallina.

Uma celeste flor, um'aurea estrella
de repente entre as brumas scintillou,
e, galante, lasciva, como Ophelia
sobre o crystal do arroio se mirou.

A louquinha divisa em meio das aguas
a estrellinha a brilhar e reluzir;
como toda a mulher,—louca—a menina
quiz este novo brinco possuir.

Pela chamma attrahida as mãos estende
para colher a estrella feiticeira;
foge a estrella, a menina vai 'traz ella...
Um dia acham-lhe o véo do arroio á beira.

Fizeram-lhe um sepulchro á beira d'agua
onde á noite a estrellinha vem mirar-se.
E a veia crystalina alem no rio
passando entre os caniços vai lançar-se

Recife—junho—1868.

A MENTIROSA.

(H. Muger..)

—Oh! dize-me onde vais, bella menina,
á est' hora tão só pela campina
a correr tão ligeira?
com o peito a palpitar de anciedade
quem te faz vir tão longe, aqui, tão tarde,
menina feiticeira?

—Deixai-me. Minha mãe, coitada! chora,
pois meu irmão mais novo ha uma hora
perdeu-se, coitadinho!
Ha tempo que debalde o procuramos,
e só o echo responde se o chamamos.
Vou ver meu irmãosinho.

FUNC — R. A.
Biblioteca Pública
"Benedito Leite"

—P'ra procurar o irmão que está perdido
 é preciso trazer branco vestido,
 uma flor no roupão?
 e no peito uma joia tão doirada,
 lindas botinas, rendas e grinalda,
 p'ra procurar o irmão?

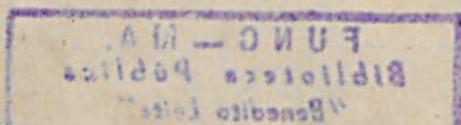
—Casou-se minha irmã, sem mais tardança
 vou á ella me unir, me espera a dança
 no alegre festim,
 e do baile, onde eu sou tão festejada
 ouço d'aqui a musica apressada
 e o som do tamborim.

—Com seu ramo de nupcias virente
 ha oito dias o seu seio olente,
 o collo virginal
 tua irmã enfeitou, e desmaiada
 deve estar a florinha já, coitada,
 do ramo nupcial.

—Vou unir-me ao amante que me espera;
 despoza-me elle n'esta primavera,
 e... quer-me tanto bem!
 Vou ali, sob as arvores... silencio!
 Não digas á mamã que me encontraste,
 não digas a ninguém.

Recife—setembro—1868.

ESTADO DO MARANHÃO



BIBLIOTECA PÚBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

XXV.

(Victor Hugo.)

Eu vivo onde tu respiras,
tu sabes, para que pois
ficar, se tu te retiras,
viver si deixas-me a sós?

P'ra que viver, sendo a sombra
d'este anjinho que se vái?
si sob o céo tão sombrio
uma noite eterna cai?

Sou a florinha dos muros
á qual abril vivifica.
Basta que tu te retires
e... tudo acabado fica.

Tu de aureolas me cercas;
vêr-te é meu unico bem.
Basta que tu te affugentes
para que eu fuja tambem.

Si partes, pende-me a fronte;
minh'alma á mansão celeste
voará, pois tua mãosinha
prende esse passaro agreste!

Si eu não ouvir tuás pisadas,
dize, o que me tornarei?
será tua vida ou a minha
que foge? Eu mesmo não sei.

Quando me falta a coragem
busco-a em teu peito innocente,
sou como a pomba que bebe
no lago azul transparente.

O amor faz com qu'alma abranja
o mundo opaco e bemdito,
e esta chamma tão pequena
sósinha aclara o infinito.

Sem ti toda a natureza
é um carcere fechado,
onde eu vou—pallido e frio,
e não sendo mais amado.

Sem ti tudo cahe, definha;
se enrugam os meus supercilios;

torna-se a festa um sepulchro;
torna-se a patria um exilio.

Eu t'imploro, eu te reclamo,
não fujas das minhas dores,
toutinegra de minh'alma,
que cantas nas minhas flores!

De que posso ter anhélos,
de que posso ter receio?
que farei de minha vida
se não 'stás junto a meu seio?

Levas aos ares, ás moutas
nos braços das virações
minha prece em uma das asas,
na outra as minhas canções.

Que direi aos campos tristes
pela inconsolavel dor?
O que farei da estrellinha,
meu Deus, que farei da flor?

Ao bosque, á que teus dulçores
davam o brilho da estrella,
que direi? e á flor que diz-me
«minha irmã, onde está ella?»

Morrerei, foge si o ousas.
Dias volvidos, de que
serve-me olhar estas cousas,
que, ao presente, ella não vê?

Que farei, meu Deus, da lyra
da virtude, do destino?
sem teu riso, ai! que farei
do lindo albor matutino?

Que farei, só, melancholico,
sem ti, do dia e dos céus?
de meus beijos sem teus labios,
do pranto sem os olhos teus?

Recife—junho—1869.

VEM. NÃO TARDES!

Vai alta a noite. Candida
nas agoas lá se espraia
da lua formosissima
a luz que alem desmaia.

Do lago as aguas limpidas
se enrugam levemente,
e alem, na praia fulgida
se espalham mollemente.

Do vento o sopro tepido
sacode a humilde planta;
e o pescador monotono
saudoso e triste canta.

Do orvalho as doces perolas
das verdes folhas pendem.

Vastissimos, esplendidos
os campos lá se estendem.

Mais longe a matta válida
a verde coma agita
e como um suspiro debil,
com um terno—ai—rugita.

Se queres, vem. Desfralde-se
do barco a vela: ao mar!
Da brisa ao bafo callido
deixe-o sulcar.

Nos teus olhares languidos
meus olhos fitarei;
e no teu collo tepido
a fronte pousarei.

A sombra melancholica
que o rosto te descóra,
ao toque de meus labios
verei sumir-se agora.

Verás ao choque lubrico
do mar com barco esguio,
fazer-se o lago em laminas
com doce murmúrio.

Oh! vem. Tua fronte pallida
precisa de calor.
Oh! vem. Meus beijos humidos
dar-lhe-hão do pejo a cor.

Não tardes. Corre rapido
o tempo sem parar.
Não tardes, vem. Desfralde-se
do barco a vela. Ao mar!

Vianna—outubro—1867.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

PARA ELLA...

Para ella meus vívidos desejos,
A canção que dos labios se desata,
igual em candidez á garça branca,
—simples como o rumor surdo da matta.

Para ella o mais puro pensamento
que me acóde á lembrança, quando á tarde
o sol para o occidente vai tombando,
e parece que o céu em chammas arde.

Para ella o meu sonho mais divino,
do jardim de minh'alma a flor mais bella;
a supplica final, que de meus labios
desprender-se, será 'inda por ella.

Estar sempre á seu lado, de continuo
fital-a e beber vida em seus olhares,

ouvir seu canto que soluça e treme
como o flebil susurro dos palmares;

a vida dar-lhe, consagrar-lhe tudo
por um suspiro, por um riso seu.

São estes meus desejos, dois somente:

—amal-a aqui na na terra, e a Deus no céu.

Vianna—novembro—1867.

BIBLIOTECA PÚBLICA
DO
ESTADO DO MARANHÃO

ADEUS!

Mas, oh! que mata a vida a fogo lento
a dor que fica e que se diz—saudade.—

BULHÃO PATO—(Paquita.)

Adeus! tu partes. A saudade é funda,
lenta a agonia, sem limite a dor.
Foi breve o gozo,—como é breve a aurora,—
morreu bem cedo—como morre a flor.—

N'estes momentos de amargura infinda
a mente treme a vacillar sem fé;
o desalento nos assalta horrivel,
a morte ás vezes se deseja até!

Porem o amor que nos alenta puro
do abysmo á beira nos estende a mão;

e só p'ra Ella se deseja a vida,
d'ella a lembrança nos conserva então.

Adeus! Não sabes o que agora eu soffro
da despedida na agonia extrema.

Adeus! Callai-vos, minhas quentes lagrimas!

Adeus! Silencio, minha dor suprema!

Adeus! tu partes, e, se fico, sabes
que minha vida n'esta dor se esvai;
tu partes, sim, mas eu serei contigo:
—fica meu corpo, mas minh'alma vai.

Estála o peito, mas o amor não finda,
descreê-se ás vezes, mas não morre a esp'rança;
joven, da estrada não se pára em em meio,
—vontade livre de lutar não cança.

Adeus! Na volta se um sorrir divino
roçar teus labios de mimosa côr,
hei de esquecer-me das passadas magoas:
venha a alegria como agora a dor.

Adeus! Não sabes o que agora eu soffro
da despedida na agonia extrema.

Adeus! Callai-vos, minhas quentes lagrimas!

Adeus! Silencio, minha dor suprema.

Vianna—novembro—1867.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

A

Meu Deus, quem sabe se o rumor das villas
fez-te esquecida do viver de outr'ora?
dos meus protestos que talvez deslembres
por outras fallas que ouvirás agora?

E o amor eterno que eu jurava dar-te,
quando nas minhas te prendia a mão?
Ai! quantas vezes tu coraste ao ver-me,
quantas sorriste por me vêr então!

E a ardente jura que eu te fiz, não lembras?
Era de tarde, descambava o sol,
passava a brisa perfumosa, o lago
na praia as ondas espalhava em frol.

Então jurei-te pela luz suave
dos negros olhos, que nos meus fitaste,

o amor infindo que a ti só votava.
Talvez deslembres que tambem juraste!

Oh, não! me dize que dos tempos idos
uma lembrança de prazer te affaga;
que d'esses dias, que nos foram ledos,
uma saudade 'inda te resta vaga!

Oh! dize, virgem que me amas 'inda,
qu'inda te lembrás dos protestos meus,
que, dos teus olhos a pupilla negra
procura vêr-me, quando fita os céus.

Dize, meu anjo, que o rumor das villas
éras passadas vem lembrar-te agora,
e que essas fallas que tu ahí escutas
trazem lembranças d'esse amor d'outr'ora.

Vianna—dezembro—1867.

BIBLIOTECA PÚBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

A

Dize-me, quando em tuas scimas
virginaes toda embebida
fitas o céu anilado,
como do mundo esquecida;
na amplidão azul tão vaga,
o que vês que te embriaga,
que te faz scismar assim?
As tuas scismas, os teus sonhos,
teus pensamentos risonhos,
me dize, serão por mim?

Quando á tarde tu suspiras,
e a voz no labio esmorece,
e o peito arfando de leve
com o suspiro estremece,
quando roreja-te a face

o pranto, e o brilho vivace
 dos olhos quasi se esvai,
 por quem é, formoso encanto,
 que deixas correr o pranto,
 que soltas do peito um ai?

Quando uma prece singella
 ante a Madona murmuras,
 diz'-me, virgem formosa,
 por quem são preces tão puras?
 Quando suspiras saudosa,
 e a face na mão mimosa
 tristonha deixas pender,
 por quem o ai abafado?
 São saudades do passado
 que te fazem entristecer?

Quando uma flor tu desfolhas,
adivinhand o porvir,
 e tremes á cada pet'la
 que anciosa deixas cahir;
 diz por que n'esse instante
 brilha alegre teu semblante,
 si as folhas te dizem—sim?
 O prazer que n'essa hora,
 teu lindo rosto colóra
 (quem sabe?) será por mim?

E si as scismas, e si o pranto
 que a face vem te orvalhar,
 si o suspiro que de leve
 teu collo faz ondular,

si o—ai—terno de saudade,
se a prece, si ess'anciedade
forem somente por mim;
dou-te em troca um amor profundo,
hei de esquecer-me do mundo,
p'ra só lembrar-me de ti!

Vianna—dezembro—1867.

A * * *

Oh! vem. O tempo é bello. A luz suave
reverbéra nas folhas da açucena
o brilho, que desprende-se do espelho
da lagôa serena.

Oh! vê como estas arvores se miram
no limpido crystal do manso lago.
Ouve, as plantas segredam seus amores,
em um suspiro vago.

Repara como as garças alvacentas,
voando vão pousar na branca areia;
olha como o regato suspiroso
brandamente serpeia.

Oh! vem. Olha, cuidado com esse charco,
que não molhe a ponta das botinas;

não deixes arrastar a cassa branca
de tuas roupas finas.

O orvalho humedeceu as folhas verdes
da plantinha rasteira e do capim,
por quê não prendes mais os teus vestidos?
Tens vexame de mim?

Sentemos-nos aqui sobre esta pedra.
Por que estremecees tanto junto a mim?
é de pejo? é de amor ou de cansaço
que tu tremes assim?

Conchega mais o lenço sobre o collo,
o sol é quente, já pode queimar-te.
Olha, chega-te mais, e minha sombra
pode bem resguardar-te.

Vou dizer-te um segredo. 'Inda não sabes?
Ouve, eu amo-te muito, esta paixão
cada vez eu a sinto mais violenta,
n'este meu coração.

Oh! não baixes os olhos; ergue a fronte,
olha bem para mim,
e me dize, meu anjo, acaso sentes
um amor como o meu?...

.....
Ella, corando,
sorriu-se e disse:—«sim.»—

Maranhão—abril—1868.

J'ai comme Prométhée animé d'une flamme
bien des êtres divins, portant des traits de femmes.

A. MUSSET—(Mardoché.)

Era uma vez sonhei... e n'esse sonho
vi um anjo celeste e divinal,
tão puro o coração como as geleiras
dos montes da Suecia—um ideal!

Acalentei meu sonho côr de rosa,
dei vida á minha perola d'Ophir,
vivi do pensamento d'essa imagem,
—Venus nas formas, anjo, no sentir.—

Era mais do que Venus. Praxiteles
quando fez sua estatua decantada,
não ideiou tão languida belleza
como a d'essa visão então sonhada.

E alem d'isso Phrynéa, como dizem,
servio de molde ao 'sculptor d'Athenas,

e essa estatua tão celebre formosa
foi pura imitação, foi copia apenas.

A minha imagem não, não teve molde,
nem traslado, foi puro original;
e si Platão creou uma chimera,
eu fiz mais, pois dei vida ao ideal,

que eu creára; e commigo disse então:
—«elle existe, portanto hei de encontral-o;
no céo junto de Deus, ou cá na terra
ha de estar.»—Comecei a procural-o.

Se via uma mulher pensava logo;
—«talvez seja a visão imaginada.»—
Mirava-a muito, e, ao dar-lhe as costas,
ouvia atraz de mim uma risada!

Desanimei e disse:—«n'este mundo
não 'stá minha visão, nem a posso achar;
voemos para o outro.»—N'esse dia
assentei que devia me matar.

Sahi á tarde; eu ia despedir-me
da humanidade qu'eu deixava aqui,
e fui, sem saber como nem por onde,
ao céo, sem me matar. Eis o que vi:

uma donzella, um anjo era á seu lado,
—nos labios o sorrir, no riso a festa;—
o anjinho innocente devisou-me,
apontou para a virgem e disse:—«É esta.»—

Não vos quero pintar a sua belleza,
nem o lugar em que nos encontramos,
(é um assumpto já tão repisado...)
Eu a vi, ella viu-me e... nos amamos.

E o meu sonho dourado e côr de rosa
de uma ideia passou á ser real.
E parece-me até que a realidade
é mais formosa ainda que o ideal.

Agosto—1868.

A

Ha vezes em que presago
o coração nos falla,
e o labio então se calla,
temendo murmurar
a frase inexprimivel
que em rapido momento,
um atroz pensamento
nos vem n'alma gravar.

Às vezes o vocabulo
traduz-se n'um queixume;
si o labio diz—ciume,—
responde 'alma—soffrer—;
porem n'outras a duvida
desfaz-se n'um sorriso,

e, á voz de—paraizo,—
o peito diz—prazer.—

.....

Meu peito é um tabernaculo,
e tenho n'elle escriptos
dois nomes só, bemitos,
—teu nome—e—adoração;—
porem á voz do oraculo,
confesso, duvidei
de teu amor. Errei?
Responde, sim ou não?

Recife—dezembro—1868.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

PERDÃO.

Perdôa as duras frases que me ouviste:
vê qu'inda sangra o coração ferido.

.....
A. GONÇALVES DIAS.

Perdão, oh! ser angelico,
divina creatura,
si acaso o meu delirio
descreu d'ess'alma pura.

Perdão, foi uma insania
um instante duvidar
d'essa affeição; meu cerebro
estava a delirar.

Que queres? o presagio
trazia um cunho tal...

Julguei que era veridico
e n'elle cri: fiz mal.

E pareceu-me, oh, misero!
que eu via-te, formosa,
protestos, queixas de outrem
ouvindo cuidadosa,

que o teu coração candido
cedia a esse pedido,
que o collo teu virgineo
batia commovido,

e que elle perguntava-te:
—«... e esse á quem amais?»—
—«n'em d'elle» respondias-lhe
«me lembro agora mais!»—

Então no meu martyrio
turbou-se-me a razão;
um insulto, uma blasphemia
brotou do coração.

Senti á flor dos labios
o amargor do fel,
e acreditei no oraculo.
Confesso, fui cruel!

Foi uma ideia frivola,
loucura de creança;—
nem sei que ser diabolico
me trouxe essa lembrança.

Mas tu que tens a aureola
de santa, e qu'és tão boa
ouvindo a minha supplica,
desculpa-me e perdôa.

Será esta a vez ultima
que os meus loucos lamentos
virão, embora rapidos,
trazer-te soffrimentos.

Recife—janeiro—1869.

FAMILIARIDADES...

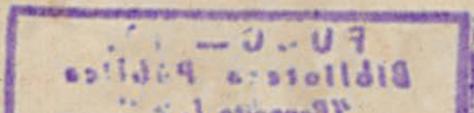
Là nous nous étendrons sous les palmiers,
dont l'ombre nous versera des rêves
d'un beatitude celeste.

H. HEINE—(Intermezzo.)

Vem junto á mim sentar-te, aqui, bem perto;
fita nos meus os teus olhares bellos;
dá-me tua mão, inspira a minha mente
com teus sorrisos e ouve os meus castellos.

Porque córas? expelle o medo frivolo,
se acaso o tens, que agora te commove.
Nada temas de mim; sê cuidadosa
ao que vou te dizer. Ninguem nos ouve.

Olha, quando diante dos altares,
ao som do orgão santo e magestoso,



eu unir minha mão á esta mãosinha,
e quando tu disseres—«meu esposo,»—

hei de ser tão feliz que os proprios anjos
desejarão descer até a terra,
p'ra fruirem uma vida igual á minha,
e gozarem dos mimos que'ella encerra.

† Não desejo viver dentro das villas,
ahi sente-se um ar suffocador,
e, alem d'isso o espaço é mui pequeno
para conter em si o nosso amor.

Viveremos no campo. As auras mansas
virão beijar-te a face, entre perfumes;
ai, porem não compenses seus affagos
que eu, sem querer, talvez tenha ciumes.

No céu os anjos teem em vez de casa.
uma concha de perola formada:
hei de pedir a Deus uma conchinha
para n'ella morarmos, minha amada.

Iremos de manhã collhêr as flores:
tu—despertando as aves em seus leitos,
eu—procurando ler os teus desejos,
e ambos alegres, ambos satisfeitos!

Ao voltar, se cansares no caminho,
has de vir repousar sobre meus braços;
desviarei as pedras e os espinhos,
e medirei os meus pelos teus passos.



Á tarde eu pousarei sobre o teu collo,
—fresco leite de rosa e açucena,—
minha fronte, e por entre meus cabellos
passarás a tua mão linda e morena.

Hei de lêr-te os meus versos, e que glorias
não terei n'esse novo Capitolio?
por applausos—teus risos feiticeiros,
por c'rôa—um beijo teu;—o amor—por solio.

Oh! que vida ditosa passaremos,
que gozo infindo e doce nos espera!
Oh! eu quero que todos nos invejem
esse viver de eterna primavera!

Recife—abril—1869.

ANNIVERSARIO.

Ha um anno que deixei-te, oh anjo candido!
para vir habitar climas diversos.
Em signal da afeição que te consagro
é bem que te dirija hoje estes versos.

Era no inverno. As humidas rajadas
do vento, entre os caixilhos da janella,
pareciam soluços entre lagrimas
por nossas despedidas. Que hora aquella!

A sala era modesta; eu fui sentar-me,
junto á ti, no sophá de molde antigo;
mas as frases de amor e de consolo
qu'eu tinha p'ra dizer, guardei commigo.

Porque? Não sei! Sentia no meu peito
uma tal commoção, que não podia

fallar, sem que os soluços me viessem
interromper a voz n'essa agonia.

Trajava o céu de negro, como se elle
partilhasse da dor que torturava
a nossos corações. De pó coberto
á um lado o piano mudo então se achava.

Na sala os móveis, as paredes, tudo,
como em caricias 'inda repetia
as estrophes do poema indescrível
que o nosso amor ali composto havia.

Sobre a mesa jazia—*as Primaveras*,—
qu'eu costumava ler para agradar-te;
os nossos corações ali deixavam
signaes de amor em tudo, em toda a parte.

—«Que vida deleitosa,» tu disseste
«nós passámos aqui, ai! quem me déra
«revivê-la outra vez!»—Somente pude
dar-te em resposta uma palavra:—«espera.»

—«Oh! quem sabe? talvez vás esquecer-me!»—
com voz dolente e langue proferiste.
Por protesto uma frase apaixonada,
um—não—foi o qu'então de mim ouviste.

Porem hoje qu'estou de ti distante,
habitando logares tão diversos,
em signal da affeição que te consagro
e da minha constancia, eis estes versos.

Recife—maio—1869.

SUB TEGMINE FAGI.

Bem me lembro, a casinha era de palha,
sem ornatos; um quartinho amigo,
que eu não trocára pelos céos fulgentes,
porque estavas commigo.

Que auróras tão risonhas despontaram
para mim, n'essa quadra de alegria!
—é que teus labios de escarlata vinham,
rindo, dar-me «o bom dia.»

Eu revivêra ali a antiga usança
dos pastores da Arcadia e de Virgilio;
abandonára as villas,—tão poetico
achava o meu exilio!

O leite, a nata, o queijo, as fructas, tudo
de que reza o poeta Mantuano

havia então (perdõem o prosaismo,
eu sou um ser humano.)

Uma vez, era á tarde, sobre a relva,
á sombra grata de arvore copada,
tu me ouvias a voz languê, plangente,
gemêr apaixonada.

Recitava-te uns versos amorosos
—verdadeira expressão de amor—; estavas
presa á cadencia doce e derradeira
da estrophe que findava.

Sentados juntos, fitos os olhares,
minhas mãos apertando tua mãosinha,
o teu halito tepido e aromado
beijava a face minha.

Nossos joelhos se encontraram tímidos.
eu sentia tua mão tremer nervosa,
e teus olhos nadavam na marugem,
na humidez voluptuosa.

Offegava-te o seio enclausurado
no corpete de nitida cambraia;
e o pesinho indiscreto se mostrava
entre as rendas da saia.

Beijei-te a mão mimosa, eu bem quizera
teus labios oscular; tinha receio
de que fosse o meu beijo enodoar
o verniz de teu seio.

N'isto o vento travesso e zombeteiro
desfez o nó que atava o teu corpete,
e eu vi-te a raiz do cóllo virgem,
entre as sombras do enfeite

Foi um momento só: tremula, rubra
cruzaste os braços me ocultando o céu.
—«Oh, deixa-me que eu veja esse teu cóllo,
te disse, nú, sem véo!—»

Nada disseste, mas eu vi tua face
cobrir-se com tal sombra de tristeza,
eras tão supplicante;—arrependi-me
d'essa minha afoiteza.

Quiz fugir de teu lado; eu tinha medo
de não poder conter o meu desejo.
«—'Stá zangado?—» disseste, dando a face,
«—Um só!..» e eu dei-te um beijo.

Recife—junho—1870.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

TRANSPORTE. (4)

Ai, tu não sabes o aneio
que senti quando, a teu lado,
eu via tremer-te o seio,
sob o corpete apertado!

Quando o teu labio vermelho
um sorriso desatava,
e de teus olhos no espelho
amoroso eu me mirava,

não podes saber, querida,
nem adivinhas talvez,
que somma déra eu de vida
para beijar os teus pés;

x) que eu desejára, enlevado
nos meus languidos anhelos,

fenecer envenenado
 com o aroma de teus cabellos;

que eu quizéra nossas vidas
 ligadas em estreito nó,
 tão juntas, tão confundidas,
 que parecessem uma só!

Foi um delirio essa phase
 do nosso amor... Uma vez
 quiz segredar-te uma phrase,
 uma supplica talvez.

Era demais o supplicio;
 o sangue, que galopava,
 negára-se ao sacrificio
 a que firme eu me votava.

Langue o semblante divino,
 um sorriso, em leve adejo,
 te encrespava o labio fino,
 como a convite de um beijo!

E eu quiz dizer-te:—«Não posso!
 deixa que eu vá-me... ou então...
és tão bella, eu sou tão moço,
 de moço tenho a paixão!»

Comtudo nada te disse.
 Acalmei-me. Eu tinha medo
 que teu olhar presentisse
 o meu profundo segredo.

Porque? Não sei. Te adorando,
pude tão alto te erguer,
que só vejo o anjo, quando
devêra ver a mulher.

Talvez, quem sabe? a cruz d'ouro,
que brilhava no teu seio,
sentisse então, meu thesouro,
no teu cóllo o mesmo aneio.

Talvez que tua linda bôcca,
no mesmo ardor abrasada,
dizer desejasse louca
uma frase apaixonada . . .

Mas perdoa; és muito casta!
Da tua alma a candidez
do meu pensamento afasta
essa ideia, esse «talvez.»

Não podes saber o aneio
que senti quando, a teu lado,
eu via tremer-te o seio,
sob o corpete apertado!

Recife—agosto—1870.

O ESCRAVO.

Nasci na adusta Africa,
no meio das areias.
Senti livre nas veias
meu sangue a borbulhar.
E nos infindos prainos
de meu paiz ardente
vivia livremente
sem nada receiar.

E dos desertos aridos,
de areias no oceano
eu era o soberano,
das mattas era o rei.
Meu sangue era de principes,
dos meus era o primeiro,
e tinha um povo inteiro
sujeito á minha lei.

E quando o peito turgido
 sedento palpitava,
 o meu serralho ali 'stava
 contente a me agradecer.
 E com os abraços lubricos
 das virgens feiticeiras,
 podia, horas inteiras,
 no gozo me cevar.

E então aos beijos fêrvidos
 da concubina langue
 de fogo era meu sangue,
 meu peito era um volcão.
 Bramasse o mar horrisono
 Co'a horrivel ventania! . . .
 D'ali só Deus podia
 me despertar então.

Um dia dos meus subditos,
 para descansar á sesta
 no meio da floresta
 um instante me affastei;
 e o agreste odor balsamico
 das mattas aspirando,
 dormi—livre—sonhando,
 —escravo—despertei.

Trint'annos, trinta sec'los
 lá vão qu'estou soffrendo,
 martyrios padecendo
 mais duros que o morrer.
 Porem si o braço rigido

um dia levantar-se,
tremendo ha de vingar-se
de quem me faz soffrer.

De noite aos cantares de meus companheiros
na vida d'escravo, fazendo serão,
que doces saudades eu tenho dos gozos
da vida de então!

Mais tarde se durmo—que sonhos tão bellos
meu somno de escravo então vem dourar!
no sangue dos brancos eu sonho sedento
feroz me banhar.

E eu vejo-os, coitados, curvados de joelhos,
pedindo piedade, tremendo convulsos.
Um travo de raiva salpica meus risos,
e eu mostro meus pulsos.

E eu mostro meus pulsos que a marca dos ferros,
das duras algemas impressa 'inda teem.
E o ferro em seus peitos fuzila e se embebe
n'um louco vai-vem.

Desperto. Resolve-se o sonho em fumaça,
mas sinto no peito o sangue a pular.
Cuidado, meus brancos, jurei pelo inferno
vingança tomar!

Vianna—novembro—1867.

O AVÁRO.

Eil-o. Seus olhos avidos se encravam,
— como o jaguar electrizando a presa,
sobre os montões de oiro que fulgindo,
ao fraco brilho que despede a 'lampada
pela mesa se espalham.

As mãos convulsas a tremer perpassam
febris entre o thesouro. Estúa, arqueja
a horrenda tempestade que bramindo
com horrivel estridor, com furia insana
no peito se revolve.

Conta e reconta delirante; ancioso,
as cifras colossaes que ante seus olhos
em silencio desfilam,—quaes phantasmas
que á meia noite as longas galerias
de algum claustro percorrem.

Se algum fraco rumor ou silvo agudo
do vento que esfusía entre os telhados
por um momento arrancam-n'o do extasis
em que estava embebido, contemplando
seu válido thezouro,

elle treme medroso, louco aperta
a lamina buida entre seus dedos,
e no estreito recinto avido busca
a sombra que elle sonha em seu delirio
o seu oiro empolgar.

O mundo para elle ali se finda.
Torpezas, vilania, atrocidades,
crimes horriveis não lhe tolhem os passos,
quando a fortuna lhe acenando ao longe
o convida sorrindo.

Elle é da sociedade a escoria, o escarro,
de paúl pestilento o lodo impuro.
Verme horrivel que vive e se alimenta
sugando até á derradeira gotta
o sangue de sua victima.

O oiro para elle é a vida, a alma,
o amor, o brio, a honra, a fama, a gloria,
—tudo p'ra elle em oiro se resume;—
crença, fé, religião, Deus, pae, familia
são o oiro e nada mais!

22—novembro—1867.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

ACTUALIDADES.

Vós todas sois mulheres rebolcadas
no lodoso berdel, no lodo impuro
do se'lo em que viveis.

P. DE CALASANS.

Entrei no baile. A harmonia
doida, alegre, caprichosa,
se espalhava voluptuosa
das salas na vastidão.
O sarão era brilhante,
e as brilhantes pedrarias
resplendiam luzidas
das luzes co'a profusão.

Os aromas exquisitos
de mil flores se soltavam;

as *borboletas* rodavam
 n'um louco *walsar* sem fim;
 e as lençarias mimosas
 dos *toilettes* brilhantes
 reluziam coruscantes
 n'esse brilhante festim.

Aqui a virgem morena
 entregue ao seu cavalleiro,
 com o semblante prazenteiro
 lhe ouvia as fallas de amor;
 as roupagens decotadas
 deixavam-lhe nus os seios...
 e do moço os devaneios
 ella ouvia com langor.

Ali um «amo-te» terno
 a donzella proferia,
 e tão languida sorria
 depois da *walsa* findar;
 mas em sua face de neve
 via-se a marca de um beijo,
 que n'um rapido lampejo
 ali se fôra gravar.

Alem, no jardim — que scenas
 se davam sob a folhagem,
 ao brando ciciar da aragem,
 da cascata ao rumorejo;
 e debaixo das latadas...
 quanto amor, quanta vertigem,

quanta grinalda de virgem
se desfolhava n'um beijo?

Corri as salas mirando
bem de perto essas donzellas;
eram lindas, mas por ellas
meu peito não palpitou.
Achei-as todas formosas,
mas da face a tez nevada
tinha a côr esbranquiçada
da rosa que desbotou.

Entreí no lupanar; a vozeria
era tremenda na taverna; a orgia
estava em seu zenith;
e as cortezãs que alegres gargalhavam,
e os devassos que ao peito as apertavam,
passavam a noite ali.

E os vinhos a espumar dentro das taças,
e aquellas faces pallidas, tão baças
da torpe barregã,
tudo vi, essas flores que emmurchecem
sem abrir o botão, e que fenecem
ao albor da manhã.

E os libertinos ebrios recostavam-se
sobre os seios das langües *Margaridas*,
em cujos rostos se enxergava a baba

dos beijos qu'inda, ha pouco, ellas vendiam
no meio da bacchanal.

E eu vi aquelles seios tão formosos,
cujo verniz a orgia deslustrára,
ficarem frios aos abraços lubricos
que os devassos convulsos dispensavam
no meio da embriaguez.

Finda a bacchanal, adormecidos
nos seios das mulheres dissolutas,
os mancebos ficavam. Era o socego
—estupido, pesado, inerte, torpe—
da materia em repouso.

Comparei: Entre aquellas loucas damas
que *walsavam* no baile, e as *Messalinas*
que no bordel mercadejavam o corpo,
se havia differença, era bem pouca.

Se estas deixavam qu'em seus seios frios
os mancebos pousassem embriagados
a encaudescida fronte,
aquellas no *walsar* voluptuoso
—ardendo em febre do desejo impuro—
entregavam-se langues
ao cavalheiro que as unia ao peito,
e que na *walsa* rapida apertavam
os seus seios que turgidos batiam

parecendo querer rasgar a gase
das decotadas roupas.

Se as *Marcos* do bordél vendiam os beijos
no meio do esvozear da mocidade
que corrupta as cercava;
as moças do salão por—*mero acaso*—
deixavam que em suas faces côr de rosa,
do cavalheiro os labios se collassem
n'um beijo estremecido,
cujo estálo perdia-se confuso
co'o ruido da orchestra:
se aquellas entregavam o corpo frio
aos moços libertinos,
estas—no baile—finda a contra-dansa
iam depôr de lorangeira a c'rôa.
Anciosas pelo gozo
deixavam o branco véo da virgindade
esgarçado sem dó, preso aos espinhos
do rosal no jardim.
E depois.....
..... as *Aspásias* das orgias
podiam n'esse instante emparelhar
co'as moças do sarão.

Vianna—janeiro—1868.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

CONVENIENCIAS...

NO ALBUM DO MEU AMIGO DOMINGOS.

Rosa era o ideal da formosura:
—cabellos anellados, bocca breve;—
um anjo invejaria-lhe a finura
da epiderme e da pelle côr de neve.

Eloah, de uma lagrima formada,
teve uma origem bella, mas tristonha;
Rosa não, era filha de uma fada,
e faceira e feliz, sempre risonha.

O rio azul, quando ella se mirava
em suas aguas, parava para a ver!
Era mais que uma flor—não se crestava;
era mais do que um anjo—era mulher.

Michaela era o typo mais perfeito
da hediondez; o rosto de Satan
não causaria ao mundo tanto effeito
como a cara d'aquella sua irmã!

Conta Victor Hugo que o diabo um dia
pediu a Deus o que ha de mais horrivel
n'este mundo dizendo que faria
d'aquillo um'obra-prima inexprimivel.

Eu, dando fim diverso a esta legenda;
direi que Michaela foi nascida
do seio d'essa amálgama tremenda
pelo genio do diabo concebida.

Michaela por dentro era o retrato
de seu rosto. Rosinha franca e nobre;
n'aquella a raiva, n'esta o ameno trato.
Michaela era rica, Rosa pobre.

.....
.....

Elle as vio: achou Rosa pura e bella,
mas... casou-se depois com Michaela.

Recife—outubro—1869.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

AO MEU AMIGO F. D'OLIVEIRA CONDURÚ.

Amigo,

a dor, eu sei, maltrata e despedaça
a mais de um peito forte que verga co'a desgraça.
As fórmulas variadas com que ella se apresenta
mais feia ainda a tornam, mais dura, mais cruenta!
A amante que desata o fio estremeccido
que traz o nosso peito ao peito d'ella unido,
e que depois vai rir-se do nosso intenso affecto
nos braços amorosos de um novo predilecto;
o amigo que sem dó, sem fé, sem piedade,
deslaça o nó seguro de placida amisade;
o adeus que entre soluços nos dilacera o peito,
quando deixamos longe a patria, o lar, o teeto;
as lagrimas sentidas, que regam a face linda
da amante que deixamos, e que, de longe ainda,
acena co'a mãosinha dizendo o ultimo adeus,
que faz com que vejamos fulgores lá nos céos;
tudo isto, eu sei, devasta a alma mais potente,
e faz que o coração mais rijo se lamente.

Porém n'estes martyrios existe 'inda um sorriso,
 que faz-nos entre-ver a luz do paraíso;
 nas trevas 'inda se avista uma estrellinha vaga,
 bem pallida, é verdade, porém que não se apaga;
 no mar crespo da vida, que alveja co'as espumas,
 'inda s'encherça alem, sumindo-se nas brumas,
 uma velinha branca que traz-nos o conforto,
 e faz lembrar um abrigo, um lar, um tecto, um porto.
 O riso, a estrella, a vela—nuncios da bonança—
 existem para nós e chamam-se—esperança. --

Ha outra dor, porém, que faz perder a crença
 de tudo que se sonha, de tudo que se pensa;
 que vai de um peito as fibras roendo pouco e pouco,
 e faz que o homem as vezes não seja mais que um louco.

A planta nasce, e, rapida se lança livre, indomita,
 p'ra onde a natureza marcou-lhe estrada e trilho,
 e, com o calor benefico do sol que a beija rutilo,
 recebe nos seus galhos a vida, a seiva, o brilho.

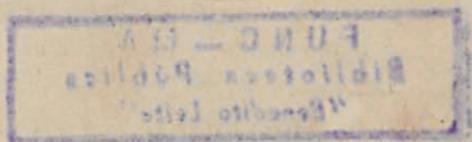
Porém se mão fatidica se chega a ella, e tremula
 quer nova fôrma dar-lhe, marcar-lhe outro caminho,
 suas folhas logo murcham-se, o galho morre, fina-se;
 depois desfaz-se em pó o pobre arbustosinho.

O homem, como a planta, tambem tem seu fadario,
 seu destino a cumprir do mundo no scenario.
 Se o dobram, se outro trilho obrigam-n'o a seguir,
 como o arbusto que morre, elle ha de succumbir,
 não da morte que mata n'um rapido momento,
 porém d'outra mais dura, a do decrecimento!

Cahir é quasi nada, o decrescer é horrivel,
um pode definir-se, o outro é indescriptivel.
Morrer de um golpe só é cousa que allivia,
porêm a morte lenta, sentir dia por dia,
a vida ir se ausentando do corpo que fenece,
ah! essa desespera e as vezes enlouquece!

Tu soffres, bem o sei, porêm no teu martyrio
não debes te entregar nos braços do delirio.
Tu soffres, eu bem sei, e a dor que te lacera
é d'essas que enlouquecem, é dor que desespera!
mas inda existe um balsamo que cura esta agonia,
e faz até que a dor tome ares de alegria:
—este remedio santo e tão consolador
tu tens dentro do peito, e, eu sei, chama-se—amor!—

Recife—outubro—1869.



OSORIO.

(Recitado no Outeiro Democratico.)

Nas paginas da historia
da guerra, que hoje finda
ha uma folha esplendida,
brilhante e branca e linda.

Um monumento válido
se eleva triumphal;
o cimo toca as nuvens,
a gloria é o pedestal.

Em torno d'elle a purpura
divina luz espalha:
purpura ganha aos rutilos
lampejos da metralha.

De estrellas uma aureola
lhe cinge o busto heroico.
Saudai o novo Encelado
—Osorio—, o bravo, o stoico!

Vêde-lhe o vulto homérico!
Maior do que o monarcha,
a topetar com o ether,
o infinito abárca.

Ante elle o brilho ephémero
do throno, que estremece
olhando a quêda proxima,
desfaz-se, des 'pparece.

As suas chagas humidas
ainda 'stam, tão santas!
espalham fulgor lucido.
O rei beija-lhe as plantas.

Maior quem é? Dizei-o.
O soberano? Não!
De grande não tem titulos
quem nutre a escravidão.

A monarchia? Egregio
não pôde ser o braço,
que tem na garra tremula
a ponta do baraço;

que o dente agudo, esqualido,
para morder aguça,

e tem sob os pés, pallido,
um povo que soluça.

Maior quem é? Dizei-o.
Maior que a magestade
de Osorio—o vulto heróico?
Só Deus e a liberdade!

De estrellas uma aureolá
lhe cinge o busto heroico.
Saudai o novo Encelado
Brazilio,—Osorio—, o stoico!

Recife—abril—1870.

GLORIAS!

(AO MARANHÃO.)

Eu amo a ilha verde como a esmeralda
entre flocos de neve, ou como a esbelta
palmeira perdida nas solidões do oceano.

NUNO ALVARES—(Folhas soltas.)

I

O mar é largo e verde; as ondas inquietas
brincando se entrechocam, e as lucidas palhetas,
que o sol, batendo n'agoa, faz d'ella resaltar,
do céu na face azulea vão fulgidas brilhar.
Nos páramos infindos as nitidas espumas

se espalham, semelhando as tão nevadas plumas,
 que a garça quando vôa por cima d'algum lago,
 das azas cahir deixa. Um canto puro e mago
 por sobre as ondas tremulas se eleva e corre e vôa,
 e aos pés de Deus mais puro e harmonico resoa.
 No céu de azul as nuvens em grupos, em novellos
 semelham dos cordeiros alvissimos os vellos
 de lan, que pelos campos esparsos, pelos prados
 no ar revoluteiam, do vento bafejados.
 Tudo é deserto e vasto; ás vezes tão somente
 se avista d'algum barco a vela transparente,
 ou 'aza de algum'ave marinha que atrevida
 vai além-mar, bem longe, buscar nova guarida.

Olhai ao Norte.

Além, na extrema enfumaçada,
 do mar, como a odalisca no manto rebuçada,
 destaca-se uma sombra, uma encantada ilha,
 do oceano a mais formosa, a mais dilecta filha.
 O Atlantico, que o corpo lhe cinge, cubiçoso
 se roja ás suas plantas, tremente, marulhoso,
 e a cinta lhe apertando em amoroso enlace
 de gozos e delicias em languidez desfaz-se.
 Dir-se-hia linda moça a quem o terno amante
 cercasse de caricias, e, doido, palpitante
 o somno lhe guardasse, beijando-lhe os vestidos,
 no seu amor somente immersos os sentidos.

Os astros, as estrellas, no céu, para melhor
 olhal-a, se debruçam e dizem:—«Linda flor,
 quem és, ilha de amores, terrestre paraíso,
 a quem a vaga implora a graça de um sorriso?

quem és, que assim tão bella te mostras, tão formosa?
 Acaso alguma concha nevada ou côr de rosa
 que, pelo mar boiando, viesse aqui parar,
 por não poder n'os céus ir pura se encravar?»—

E a ilha respondendo enamorada diz:

—«eu tenho um nome lindo, me chamam São Luiz.»—

Chegai mais perto d'ella. Que vêdes? a verdura
 que como uma esmeralda reluz, brilha e fulgura;
 do palmeiral continuo os leques que brandeiam
 ao sopro dos favonios, que ali revolteiam;
 dous rios—duas fitas azues, que deslaçadas
 o corpo lhe ornamentam, gemendo apaixonadas,
 —assim sobre o vestido que a joven feiticeira,
 após o baile, esquece pousados na cadeira,
 a fita dos enfeites, o atacador ou o cinto
 em lindos arabescos desenham um labyrintho.
 Que vêdes mais? ao longe o continente verde
 onde cansada a vista dilata-se e se perde.

Por cima d'isso tudo, em mar de azul e ouro,
 uma corôa augusta, um magico diadema,
 que em si contém a historia de um povo e seu poema.
 As nuvens que perpassam de longe estão a vêl-a,
 com medo que mareiem o brilho d'essa estrella.
 De cima Deus sorri, e, vendo a maravilha,
 se orgulha e diz aos astros:—«Aquella é minha filha!
 A c'róa é toda d'oiro e os rutilos brilhantes,
 que estão cravados n'ella, scintillam coruscantes,
 lançando tantas chispas que formam em de redor
 uma divina aureola, um santo resplendor.

D'entre essas pedras todas esplendidas, formosas,
ha cinco que destacam-se maiores, magestosas,
ha cinco a quem o sol de pejo não encara,
ha cinco cuja luz ao infinito aclara.»—

II

Na primeira que ostenta-se brilhante,
se encarna o vulto masculino e gigante
de inspirado cantor.

Poeta, foi buscar as harmonias
na harpa de David, e as melodias
na lyra do Senhor.

Homero, se escutasse os seus harpejos,
se de sua lyra os languidos adejos
ouvisse uma só vez,
ante a voz do poeta, extasiado
sem dó nenhum teria espedaçado
a cythara a seus pés!

Ossian, o caledonio que cantava
nas montanhas da Escossia, e que entoava
o poema de Fingal,

pediria ao Senhor que lhe mandasse
 aos olhos a luz p'ra que avistasse
 o cantor immortal.

E Luiz de Camões, o Lusitano,
 que esse poema altivo e sobrehumano
 traçou com habil mão,
 se o visse dir-lhe-hia:—«Irmão dilecto,
 vem a meus braços, cinge-me este peito,
 vem, tu és meu irmão!»—

Quem o escutasse a desferir as notas,
 que das mansões ethereas, ignotas,
 desciam ao labio seu,
 julgaria uma chuya ser de perolas,
 —tal era o brilho d'essas vozes cêrulas,
 d'esse canto do céu!

Hoje descansa. O leito mortuario
 é o oceano, as vagas o sudario
 do cantor immortal.
 A estrella de seu nome diamantina,
 da c'roa em que se encrava 'inda illumina
 a sua terra natal.

Ô seu nome... quem ha que o desconheça,
 e que, por um momento só, se esqueça
 do rei das harmonias?
 As florestas, os mares, as cascatas
 o repetem chorando, e o indio e as mattas;
 e elle é—GONÇALVES DIAS.

III

Vêde a segunda estrella. O nome respeitado
que enxerga-se a través do foco illuminado.
do lindo diamante, rutila—JOÃO LISBOA,—
nome que encerra em si um sceptro e uma corôa.
Não c'róa de monarchas, não sceptro de algum rei,
que podem decahir, se o povo diz—descei!—
porém outro mais nobre, porém outra maior,
o sceptro e a corôa de poeta e prosador.

Vêde-lhe a face augusta, severa e pensativa,
aos gozos e prazeres parece que se esquiva,
e, todo entregue ao 'studo, do mundo se despêga
e vai buscar no céu a luz que Deus lhe entrega,
—a luz da intelligencia, do genio, do taleño,
a realza unica, que val'um monumento.

Elle era liberal. Sua magica palavra,

bem como o raio igneo que os cedros escalávra,
 troava na tribuna, e o povo que o escutava
 do democrata o vulto sorrindo abençoava.
 Abri o seu *Timon*, e vêde a precisão
 com que elle descrevia as chagas da nação,
 e a critica mordaz, o inimitavel sal
 com que zurzia os homens da luta eleitoral,
 ao povo ignorante mostrando os seus defeitos,
 aconselhando sempre das urnas os eleitos.
 Sua penna manejada com arte, com primor,
 fazia lembrar Cicero—o válido orador.—
 Versado na moderna, na media e antiga historia,
 sendo gloria, escreveu a vida de outra gloria.

Das aguias é costume querer em campo aberto
 as azas estender, fitar o sol de perto.
 Da culta Europa os genios de longe lhe acenavam,
 e as festas da sciencia os olhos lhe offuscavam,
 e a sêde do saber que os brios lhe accendia,
 roubou-o de sua patria, levou-o á Europa fria.
 Ali, de sua familia ausente, elle morreu;
 seu corpo hoje descansa na terra onde nasceu,
 e a estrella de seu nome, das glorias na corôa,
 com letras de ouro e luz soletra—JOÃO LISBOA!

IV

Fulge a terceira estrella. Saudai-a brisas languidas,
que vindes lá da Italia viver cá no Brazil;
a fronte desencrespa, oh, lindo mar Adriatico
deixa que ella mire-se em tu' agoa de anil.

Soltai vossos perfumes, oh flores côr de purpura,
que em Mantua vegetais, sorrindo ao céu azul,
formai lindas corôas, e vinde bellas, candidas
cingir o busto a um genio da America do Sul!

Poeta mantuano, soergue-te do tumulo,
e vem saudar de perto um vate—teu irmão,
que devassou-te o cofre d'essas bellezas fulgidas
qu'em teu poema encontram se com tanta profusão.

E vós ilhas da Grecia, esparsas no Archipélago,
vinde encarar tambem a ilha vossa irmã,

que espera ter nas folhas da historia litteraria
uma formosa pagina, nevada, alva e louçã.

Quebrai as vóssas campas rompei vossos sudarios,
heroes da decantada Iliada immortal,
saudai a bella estrella a reluzir no ether,
e a rebrilhar do oceano nas agoas de crystal.

O nome que soletra-se na estrella formosissima,
e que scintilla envolto em magico fulgor,
é ODORICO MENDES, de Homero e de Virgilio
o interprete fiel, o eximio traductor

Poeta, soube unir com arte e gosto e merito,
do verso ao pensamento belleza de expressão;
e tendo praticado 'té hoje o mais notorio
milagre, o mais sublime, de força e concisão.

A morte repentina roubou-o á sua patria,
e alem por entre nevoas, repouza na Inglaterra;
e a estrella de seu nome—um raio sobre a Italia,
um outro sobre a Grecia—reluz na sua terra.

V

A quarta estrella brilha fulgurante,
e nem ha treva que lhe empane a face;
tal é o resplendor do genio ousado—
que n'ella se encarnou.

Surge, sombra de Newton, surge, abraça
d'essa creança o vulto magestoso,
que igual a ti seria se a existencia
tão breve não lhe fosse.

E tu, Blaise Pascal, que descobriste,
com teu genio somente e tua vontade
esses segredos que a sciencia esteril
dos numeros encerra,

levanta-te da tumba em que te deitas,
dormindo o somno eterno, socegado,

vem a mão apertar (que não te abaixas)
ao moço maranhense.

Vinde vós todas, sombras respeitaves
de Laplace, de Euclides, de Pythagoras,
saudai a estrella que a fulgir nos ares
reluz—GOMES DE SOUSA—

Que força de talento se aninhava
n'essa joven cabeça! Deus formando-a
da propria obra admirou-se e disse:
—«é muito para o mundo.»—

Vinte e um annos apenas e já tinha
enthezourada na cabeça férvida
tanta sciencia que seria insania
exigir-se 'inda mais.

Era pequena a terra p'ra contêl-o.
A envergadura de suas azas largas
só podiam encontrar no espaço infindo
diametro bastante.

Elle está lá, e no infinito paira,
do sol fitando a luz incandescente,
mas de seu nome a estrella que scintilla
illumina sua patria.

VI

A quinta estrella finalmente surge.
Deixai qu'en prenda n'um estreito élo
às glorias dos poetas a do artista,
a intelligencia ao prélo.

Nem desdoura que a par de tautos genios
um tambem colloque de outra esphêra.
O artista possui o seu reinado
aonde o braço impéra.

Ja longe vai o tempo em que somente
finham valor dos nobres os brazões,
nobreza herdada, estulta que cobria-se
de sedas e galões.

Hoje a nobreza existe na ferrugem
que cobre a mão callosa do operario,

consiste no talento, e o poeta é nobre
como é o estatuário.

Junto a Gonçalves Dias, João Lisboa,
o alumno pode vir de Guttemberg.
BELLARMINO DE MATTOS, d'essa campa
em que descansas, te ergue!

Vem, oh vem, tu, que tanto te esforçaste
para honrar tua patria estremecida,
tu, que em tua officina trabalhando,
lhe déste tanta vida;

vem, traze o teu emblema de typographo,
o rôlo, o prélo, as chapas, as vinhetas
e te encarna n'aquella estrella ultima
ali entre os poetas.

Tu foste a providencia das escôlas,
e da litteratura que tropeça,
foste a columna forte, braço válido
que ajudava a cabeça.

Deixa pois que eu te preste o meu respeito,
a ti, que não temeste entrar na luta
—a cabeça que pensa e ordena é nobre
e o braço que executa.—

À ti, oh minha patria, meu canto pobre e rude:
perdôa se esta offerta vem marear teu brilho;

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

ella é de coração, e tem uma virtude,
—ditou-a um peito franco, que te ama e qu'è teu filho.—

Recife—maio—1870.

FIM.

INDICE.

	PAG.
Os Callambólas	5
I	7
II	32
III	51
IV	73
D. Paes (A. de Musset)	87
I	89
II	97
III	107
IV	115
A Gotta d'agua (Lachambeaudie).	123
A Folha (Vicent Arnauld).	125
A minha casaca, epistola (Sédaine)	127
Ophelia (H. Muger).	131
A mentirosa (idem)	133
XXV (Victor Hugo).	135
Vem, não tardes	139
Para ella...	143
Adeus!	145
A *	147
A * * *	149
A * * *	154
*	155
A * * *	159
Perdão.	161
Familiaridades	165
Anniversario	169
<i>Sub tegmine fagi</i>	171
Transporte.	175
O escravo	179
O aváro	183
Actualidades	185

	PAG.
Conveniencias.	191
Ao meu amigo F. d'Oliveira Condurú	193
Osorio	197
Glorias I	201
II.	205
III.	207
IV.	209
V.	211
VI.	213

FIM DO INDICE.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

ERRATUM.

É absolutamente impossível fazer-se impressão de uma obra, principalmente da natureza d'esta, sem que escapem alguns pequenos erros; e, pois, deixamos de fazer aqui uma nota de todos os que se encontram no corpo d'esta, confiados em que a illustração do leitor os corrigirá e a sua benevolencia nos desculpará.

OS EDITORES.